

PROJETOS DE
ARQUITETURA
PAISAGISTA
• DA ANÁLISE À
EXECUÇÃO

Universidade de Évora
Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de estágio | Vasco Soromenho Lamberti

Orientador | Prof.^a Doutora Rute Sousa Matos

Co-orientador | Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern



19 de Fevereiro de 2012

PROJETOS DE
ARQUITETURA
PAISAGISTA
• DA ANÁLISE À
EXECUÇÃO

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de estágio | Vasco Soromenho Lamberti

Orientador | Prof.^a Doutora Rute Sousa Matos

Co-orientador | Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern

I . Resumo

PROJETOS DE ARQUITETURA PAISAGISTA . DA ANÁLISE À EXECUÇÃO

O presente relatório resulta da frequência de um estágio curricular no “*Atelier Jardins do Sul*”, sediado na aldeia de Nossa Senhora da Boa Fé – Évora, no âmbito do Mestrado em Arquitetura Paisagista da Universidade de Évora.

O estágio constitui-se como uma das etapas mais importantes no complemento da formação académica, completando o processo ensino-aprendizagem. É o momento em que o aluno contacta com situações reais da vida profissional atualizando e aplicando o saber e competências adquiridos durante o percurso académico.

Com o presente relatório pretende-se apresentar de forma simples e sucinta, o trabalho prático e teórico desenvolvido ao longo do estágio no Atelier, e, como durante nove meses este consolidou a minha formação académica e completou a minha formação prática, fazendo ao longo deste relatório várias reflexões consentidas pelo contexto que me circundou, sobre as condicionantes e problemáticas que envolvem a Arquitetura Paisagista.

II . Abstract

LANDSCAPE ARCHITECTURE PROJECTS . FROM ANALYSIS TO EXECUTION

This report results from a curricular internship in the studio “*Atelier jardins do Sul*”, based in the small village of Nossa Senhora da Boa Fé - Évora, under the Master’s degree in Landscape Architecture of the University of Évora.

This internship represents one of the most important steps in the complement of the academic background, completing the teaching-learning process. It’s where the student is confronted with real situations from professional life, updating and applying the knowledge acquired during the academic path.

With this report it is intended to present in a simple and brief way, the practical and theoretical work developed along the studio’s internship, and, how during nine months, it has strengthened my academic education and completed my practical formation. Along this report several reflections are made, induced by the context that surrounded me, about the constraints and problematics which involves the Landscape Architecture profession.

III . Agradecimentos

Aos meus pais,

à Andrea e Pedro do *Atelier Jardins do Sul*,

à Professora Rute Matos,

às pessoas que me acompanharam neste percurso,

Muito Obrigado!

I . Resumo	
II . Abstract	
III . Agradecimentos	
IV . Índice	
V . Índice de figuras e ilustrações	

INTRODUÇÃO

1 . CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO	1
1.1 . FILOSOFIA DE INTERVENÇÃO DO ATELIER	
1.2 . METODOLOGIA DE TRABALHO DO ATELIER	
1.3 .EQUIPA DE TRABALHO	
2 . FASE DE ADAPTAÇÃO	5
3 . ATIVIDADES REALIZADAS	7
3.1 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A QUINTA FAMILIA LAVADO . SANTIAGO DO ESCOURAL	8
3.1.1 . ANÁLISE	
3.1.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO	
3.1.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	
3.1.4 . REFLEXÃO PESSOAL	
3.2 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A ZONA CENTRAL DA QUINTA DA SOBREIRA . ÉVORA	16
3.2.1 . ANÁLISE	
3.2.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO	
3.2.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	
3.2.4 . REFLEXÃO PESSOAL	

3.3 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A ENVOLVENTE FRONTAL DA HABITAÇÃO DA QUINTA DA FAMÍLIA GODINHO . REDONDO	22
3.3.1 . ANÁLISE	
3.3.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO	
3.3.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	
3.3.4 . REFLEXÃO PESSOAL	
3.4 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A HERDADE DA MORGADA . MOURA	28
3.4.1 . ANÁLISE	
3.4.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO	
3.4.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	
3.4.4 . REFLEXÃO PESSOAL	
3.5 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A ENVOLVENCIA DA HABITAÇÃO DA QUINTA DO MARÇO . ÉVORA	35
3.5.1 . ANÁLISE	
3.5.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO	
3.5.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	
3.5.4 . REFLEXÃO PESSOAL	
3.6 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A UNIDADE DE TURISMO RURAL, CASA DE CAMPO . VIMEIRO	41
3.6.1 . ANÁLISE	
3.6.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO	
3.6.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	
3.6.4 . REFLEXÃO PESSOAL	
3.7 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A CLÍNICA FRESENIUS . ÉVORA	47
3.8.1 . ANÁLISE	
3.8.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO	
3.8.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	
3.8.4 . REFLEXÃO PESSOAL	

3.8 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA O MONTE DO PRATES . MONTEMOR-O-NOVO 53

3.7.1 . ANÁLISE

3.7.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO

3.7.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

3.7.4 . REFLEXÃO PESSOAL

4 . OUTRAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS 62

5 . CONSIDERAÇÕES FINAIS 65

VI . REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VII . ANEXOS

V . Índice de figuras e ilustrações

Fig.1 . Vista sobre o elemento de água da Quinta da Família Lavado após a execução do projeto . Fonte: AJS	8
Fig.2 . Vista aérea da Quinta da Família Lavado . Fonte: Bing Maps	9
Fig.3 . Domínio da presença dos automóveis no jardim . Fonte: AJS	10
Fig.4 . Situação anterior à intervenção . Fonte: AJS	10
Fig.5 . Vários elementos dispersos no espaço . Fonte: AJS	10
Fig.6 . Plano Geral . Fonte: AJS	11
Fig.7 . Perspetiva representativa da zona central . Fonte: AJS	11
Fig.8 . Perspetiva representativa da entrada principal . Fonte: AJS	11
Fig.9 . Perspetiva da solução para área posterior das habitações . Fonte: AJS	12
Fig.10. Perspetiva representativa do telheiro proposto . Fonte: AJS	12
Fig.11 . Perspetiva proposta para o pátio central. Fonte: AJS	12
Fig.12 . Vista da zona central do jardim após a execução da proposta. Fonte: AJS	13
Fig.13 . Vista sobre a entrada principal do jardim após a execução da proposta. Fonte: AJS	13
Fig.14 . Vista a partir do pátio central . Fonte: AJS	13
Fig.15 . Integração de um antigo elemento pertencente à família . Fonte: AJS	14
Fig.16 . Vista sobre o tanque . Fonte: AJS	14
Fig.17 . Zona intimista . Fonte: AJS	14
Fig.18 . Integração de uma antiga manjedoura no pátio central . Fonte: AJS	15
Fig.19 . Pormenor de caminho em calçada junto ao pátio central . Fonte: AJS	15
Fig.20 . Vista sobre o tanque . Fonte: AJS	15
Fig.21 . Perspetiva representativa da solução para o espelho de água da Quinta da Sobreira . Fonte: AJS	16
Fig.22 . Vista aérea da Quinta da Sobreira . Fonte: Bing Maps	17
Fig.23 . Muro de xisto presente no espelho de água . Fonte: AJS	18

Fig.24 . Situação atual da tela impermeabilizante do elemento de água . Fonte: AJS	18
Fig.25 . Semicirculo que recorta o muro de xisto do espelho de água . Fonte: AJS	18
Fig.26 . Situação atual da envolvente . Fonte: AJS	19
Fig.27 . Revestimento em gravilha de mármore junto ao espelho de água . Fonte: AJS	19
Fig.28 . Vegetação disposta ao acaso no canteiro adjacente ao muro de Xisto . Fonte: AJS	19
Fig.29 . Plano geral . Fonte: AJS	20
Fig.30 . Proposta de reabilitação do espelho de água . Fonte: AJS	20
Fig.31 . Cortes representativos do novo perfil do espelho de água . Fonte: AJS	20
Fig.32 . Perspetiva representativa da proposta . Fonte: AJS	21
Fig.33 . Perspetiva representativa da proposta . Fonte: AJS	21
Fig.34 . Perspetiva representativa da solução para o tanque proposto . Fonte: AJS	22
Fig.35 . Vista aérea da Quinta da Família Godinho . Fonte: Bing Maps	23
Fig.36 . Vista sobre a pequena intervenção feita pelos proprietários . Fonte: AJS	24
Fig.37 . Espécies suculentas presentes no jardim . Fonte: AJS	24
Fig.38 . Vista sobre a habitação . Fonte: AJS	24
Fig.39 . Plano geral . Fonte: AJS	25
Fig.40 . Perspetiva da zona central . Fonte: AJS	25
Fig.41 . Perspetiva da solução para a integração das espécies suculentas . Fonte: AJS	26
Fig.42 . Perspetiva proposta para o parque infantil . Fonte: AJS	26
Fig.43 . Perspetiva representativa da solução para a zona do tanque. Fonte: AJS	27
Fig.44 . Perspetiva de uma possível vista do interior da futura expansão da habitação sobre o olival e o tanque. Fonte: AJS	27
Fig.45 . Perspetiva da solução para a área posterior da habitação. Fonte: AJS	28
Fig.46 . Vista aérea sobre a Herdade da Morgada . Fonte: Bing Maps	29
Fig.47 . Situação atual . Fonte: AJS	30
Fig.48 . Vista sobre o poço da herdade . Fonte: AJS	30

Fig.49 . Paisagem em que se insere a proposta . Fonte: AJS	30
Fig.50 . Opuntia ficus . Fonte: AJS	31
Fig.51 . Situação de dominância visual sobre a envolvente . Fonte: AJS	31
Fig.52 . Plano geral . Fonte: AJS	32
Fig.53 . Perspetiva representativa do alçado frontal da habitação . Fonte: AJS	32
Fig.54 . Perspetiva representativa do caminho Sul para a habitação . Fonte: AJS	33
Fig.55 . Perspetiva da solução proposta . Fonte: AJS	34
Fig.56 . Perspetiva representativa dos portes da vegetação proposta . Fonte: AJS	34
Fig.57 . Vista sobre o espelho de água da Quinta do Março após a execução do projecto . Fonte: AJS	35
Fig.58 . Vista aérea sobre a Quinta do Março . Fonte: Bing Maps	36
Fig.59 . Vista sobre a intervenção de filosofia japonesa feita pela proprietária . Fonte: AJS	37
Fig.60 . Memorial . Fonte: AJS	37
Fig.61 . Vista sobre o alpendre na zona posterior da habitação . Fonte: AJS	37
Fig.62 . Plano geral . Fonte: AJS	38
Fig.63 . Processo de construção do elemento de água . Fonte: AJS	38
Fig.64 . Processo de construção do espelho de água . Fonte: AJS	39
Fig.65 . Elemento de água após a sua construção . Fonte: AJS	39
Fig.66 . Espelho de água terminado . Fonte: AJS	40
Fig.67 . Articulação entre o percurso proposto e o memorial . Fonte: AJS	40
Fig.68 . Perspetiva representativa da solução de separação entre a zona da piscina e a habitação . Fonte: AJS	41
Fig.69 . Vista aérea sobre a “Casa de Campo” . Fonte: Bing Maps	42
Fig.70 . Entrada principal . Fonte: AJS	43
Fig.71 . Vista sobre a habitação e a piscina . Fonte: AJS	43
Fig.72 . A habitação e a oliveira estruturante da proposta . Fonte: AJS	44
Fig.73 . Vista da piscina sobre o olival . Fonte: AJS	44

Fig.74 . O contacto directo entre a fachada da habitação e a N 251 . Fonte: AJS	45
Fig.75 . Plano geral . Fonte: AJS	45
Fig.76 . Perspetiva representativa da ligação visual entre a zona da piscina e o olival . Fonte: AJS	46
Fig.77 . Perspetiva da solução para a separação entre a habitação e a zona da piscina . Fonte: AJS	46
Fig.78 . Pormenor do contraste de texturas entre as soluções de revestimento e vegetação . Fonte: AJS	47
Fig.79 . Vista aérea da Clinica Fresenius de Évora . Fonte: Bing Maps	48
Fig.80. Monumentalidade do edificado . Fonte: AJS	49
Fig.81. Canteiros propostos pela arquitectura . Fonte: AJS	49
Fig.82. Canteiros e casa de máquinas no limite frontal do lote. Fonte: AJS	49
Fig.83. Plano geral . Fonte: AJS	50
Fig.84. Instalação da tela anti-infestantes, sistema de rega e plantação . Fonte: AJS	50
Fig.85. Vista sobre o canteiro após a execução . Fonte: AJS	51
Fig.86. Pormenor . Fonte: AJS	51
Fig.87. Pormenor da tipologia de vegetação vermelha e verde . Fonte: AJS	52
Fig.88. Pormenor da tipologia de vegetação glauca e verde . Fonte: AJS	52
Fig.89. Pormenor do alcance visual sobre o castelo de Montemor-o-Novo . Fonte: AJS	53
Fig.90. Vista aérea sobre o Monte do Prates . Fonte: Bing Maps	54
Fig.91. Alçado frontal da habitação . Fonte: AJS	55
Fig.92. Pérgola e alpendre no alçado posterior da habitação . Fonte: AJS	55
Fig.93. Imposição da piscina na paisagem . Fonte: AJS	55
Fig.94. Tanque da propriedade . Fonte: AJS	56
Fig.95. Plano geral . Fonte: AJS	56
Fig.96. Perspetiva da solução de acesso à zona da pérgola. Fonte: AJS	57
Fig.97. Perspetiva representativa do caminho que percorre o lado Sul da habitação . Fonte: AJS	57
Fig.98. Área de receção à habitação, revestida a saibro . Fonte: AJS	58

Fig.99. Vegetação predominantemente autóctone de tons verdes e glaucos . Fonte: AJS	58
Fig.100. Bases rectangulares revestidas a calçada irregular de mármore . Fonte: AJS	58
Fig.101. Pormenor do percurso de ligação ao tanque . Fonte: AJS	59
Fig.102. Solução de ligação entre o percurso Sul, a pérgola e o relvado . Fonte: AJS	59
Fig.103. Ligação entre a piscina, o Percurso Sul e o tanque . Fonte: AJS	59
Fig.104. Ligação entre a habitação e a piscina . Fonte: AJS	60
Fig.105. Diálogo entre as gramíneas propostas e a pastagem . Fonte: AJS	60
Fig.106. Vista sobre a proposta . Fonte: AJS	61
Fig.107. Pormenor do contraste de tons . Fonte: AJS	61
Fig.108. Pormenor das diferentes materialidades . Fonte: AJS	61

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O presente relatório de estágio surge no contexto da frequência do Mestrado em Arquitetura Paisagista, na Universidade de Évora. Após a análise das hipóteses existentes ao nível do trabalho final de mestrado, a minha escolha recaiu sobre a opção de estágio, como forma de aumentar os meus conhecimentos e experiência prática ao nível do projeto de Arquitetura Paisagista.

Penso que a opção de estágio é de vital importância por ser o primeiro momento em que integramos uma equipa de profissionais experientes, o primeiro contacto com o mundo de trabalho que possivelmente nos espera, conduzindo ao relembrar e complementar da nossa formação académica e ao estímulo das nossas capacidades e criatividade.

Dado que optei por um estágio de nove meses, levando a que este coincidissem com algumas disciplinas essenciais à conclusão do curso, decidi enviar currículos para ateliers na proximidade da cidade de Évora. Após a receção das respostas, o *Atelier Jardins do Sul* foi a empresa que revelou interesse em acolher-me. Uma jovem empresa de pequenas dimensões que, pela sua filosofia de trabalho, despertou-me a atenção.

Este atelier atua fundamentalmente ao nível na conceção e da coordenação da execução de jardins privados tornando esta opção bastante interessante como complemento à minha formação académica, uma vez que a maioria dos projetos que tive a oportunidade de desenvolver na universidade foram maioritariamente de carácter público.

Aquando da minha integração na equipa de trabalho do *Atelier Jardins do Sul*, faziam parte desta: Andrea Morgenstern, arquiteta paisagista, e Pedro Duarte, responsável pela gestão do atelier, os quais me introduziram no mundo de trabalho e na aquisição de novas competências profissionais.

O presente relatório divide-se em cinco partes distintas.

Na primeira parte intitulada de “Caracterização do local de estágio”, pretende apresentar a entidade de acolhimento, a sua filosofia e equipa.

A segunda parte intitulada de “Início do estágio” pretende fazer uma breve descrição do primeiro contacto com o atelier e a adaptação aos seus métodos de trabalho.

Na terceira parte intitulada de “Atividades realizadas”, procura descrever de forma detalhada os projetos desenvolvidos na empresa, o meu nível de participação, e o contributo de cada projeto para o complemento da minha formação.

A quarta parte intitulada de “Outras atividades desenvolvidas”, procura descrever brevemente outras atividades desempenhadas no atelier que não estão diretamente relacionadas com os projetos desenvolvidos, mas que pela sua pertinência foram igualmente importantes para a minha formação.

Por fim, a quinta parte intitulada de “Considerações finais”, procura apresentar uma reflexão sobre a experiência de estágio e o seu contributo na minha formação.

1. CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

1 . CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

1.1 . FILOSOFIA DE INTERVENÇÃO DO ATELIER

O *Atelier Jardins do Sul* situa-se em Nossa Senhora da Boa Fé - Évora, encontrando-se em atividade desde o segundo semestre de 2010, e atua fundamentalmente na conceção e coordenação da execução de jardins privados, incluindo pátios e varandas de edifícios, tanto em espaço urbano como rural. Para este atelier, e tal como consta na informação disponibilizada a quem visitar a sua página web, “A Arquitetura Paisagista é entendida como a investigação e a prática que, na contemporaneidade, procuram redefinir a relação do Homem com a Natureza e a Paisagem”. O jardim é aqui concebido “como o lugar onde se constroem os laços dessa relação vital”, tratando-se assim “do ponto de encontro, por excelência, entre cultura e natura, entre Homem e Terra”. Guiado pelo respeito pelos Ecossistemas e pela biodiversidade, o “*Atelier Jardins do Sul*”, enquanto busca respostas para os desafios lançados pelos seus clientes procura satisfazer, para lá das exigências funcionais, estéticas e culturais, também as exigências ecológicas.

Existe, por outro lado, em cada um dos projetos desenvolvidos pelo atelier, um interesse pelas particularidades históricas, culturais e biofísicas de cada lugar. Cada caso é depois encarado e desenvolvido de acordo com a sua especificidade, pelo que há no atelier uma tentativa de evitar a adoção de abordagens abstratas, nomeadamente de “projetos tipo” ou “colagens”, que seriam válidos para diferentes lugares.

1.2 . METODOLOGIA DE TRABALHO DO ATELIER

A primeira aproximação ao ato de projetar inicia-se com o contacto por parte do cliente expondo os desejos e necessidades para o espaço.

Após este prévio contacto segue-se uma primeira visita ao local de intervenção, onde se procede à análise do lugar, de forma a procurar revelar ou explicitar a sua identidade, o seu carácter próprio ou, se quisermos, o génio do lugar, pois este justificará o tipo de abordagem e conceito do projeto. Posteriormente, segue-se o levantamento dos elementos condicionantes no espaço, aqueles que determinam o seu potencial e a sua especificidade, tais como as sondagens pontuais do estado do solo, o levantamento da vegetação existente (e respetivo estado fitossanitário), estruturas construídas, pavimentos, vistas, pontos de abastecimento de água, entre outros.

Geralmente, este contacto pessoal com o cliente é também muito importante para entender melhor os seus gostos, sensibilidades e necessidades. Durante esta primeira visita são ainda requeridos ao proprietário a planta de implantação do edificado e o levantamento topográfico da propriedade.

Comummente, é solicitado ao atelier uma resposta rápida que integre um cálculo orçamental do projeto, tornando necessária a elaboração um estudo prévio bastante detalhado e consequentemente a uma estimativa orçamental próxima do valor final da obra, sendo esta passível de alteração. Nesta fase é também elaborada uma memória descritiva, acompanhada de perspetivas e amostras de materiais para posterior apresentação ao cliente.

Segue-se então uma reunião de apresentação da proposta de estudo prévio e do orçamento inicial ao cliente, onde é discutido o projeto e a sua eventual aprovação.

Após a reunião, e caso o cliente haja aprovado a proposta, seguem-se as alterações necessárias para a criação do plano final e do projeto de execução, levando à elaboração das peças técnicas essenciais à proposta, e ao contacto com os colaboradores de diferentes áreas para a elaboração de peças técnicas específicas.

Com a finalização do projeto de execução, procede-se ao contacto com as diferentes especialidades que executarão a obra e com os fornecedores, bem como à entrega das peças técnicas. Na fase de construção segue-se então a coordenação da sua execução por parte da equipa técnica do atelier.

Após a finalização da obra segue-se, quando o cliente assim deseja, a monitorização do espaço para que se assegure a sua correta evolução.

1.3 . EQUIPA DE TRABALHO

A equipa é formada pelos fundadores do *Atelier Jardins do Sul*, Andrea Morgenstern e Pedro Duarte, e em função das necessidades e da especificidade de cada projeto, por outros arquitetos paisagistas que pontualmente colaboram com o atelier, bem como por colaboradores de outras especialidades (arquitetos, engenheiros biofísicos, engenheiros agrónomos, engenheiros de espaços verdes, jardineiros, carpinteiros, calceteiros, construtores de sistemas de regas e de elementos aquáticos, etc.). O núcleo da equipa é composto por:

Andrea Morgenstern

Licenciada em arquitetura paisagista pela Universidade Técnica de Berlim (2005), colaborou até 2010 com ateliers de arquitetura em diversos projetos, como freelancer, data em que fundou com Pedro Duarte o “*Atelier Jardins do Sul*”. Dirige o atelier, sendo responsável pela coordenação técnica do trabalho dos arquitetos paisagistas que aí colaboram bem como do contributo das diferentes especialidades que tornam possível a conceção/implementação de qualquer projeto.

Pedro Duarte

Licenciado em arqueologia (2002) e doutorando em antropologia (desde 2009) desenvolve atualmente, no âmbito do doutoramento, um projeto de investigação na Universidade de Coimbra em que, das perspetivas da antropologia e da arqueologia, analisa uma paisagem eborense. Faz a gestão do atelier, sendo responsável pelo contacto com clientes e fornecedores, colaborando também na coordenação de obras.

2. INÍCIO DO ESTÁGIO

2 . INÍCIO DO ESTÁGIO

Após a primeira entrevista com o *Atelier Jardins do Sul* e a apresentação do meu portfólio, seguiu-se o primeiro dia de trabalho.

No dia em que integrei a equipa do atelier foi-me feita uma primeira visita às instalações, seguida por uma primeira abordagem à metodologia de trabalho da empresa, aos projetos que tinham sido desenvolvidos, aos executados e aos que ainda se encontravam em desenvolvimento. Posteriormente foi-me apresentado o software de desenho técnico utilizado pelo atelier (Vectorworks), com o qual nunca tinha antes trabalhado.

Os dois dias seguintes foram de adaptação e interiorização da dinâmica e organização de trabalho do atelier. Quando integrei a equipa, o atelier já tinha um projeto em curso, o qual já se encontrava na fase final de estudo prévio. Após a explicação do projeto por parte da Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern, tive a oportunidade de expor livremente a minha crítica ao projeto e de participar no seu desenho, iniciando-se assim a minha colaboração direta no atelier.

3 . ATIVIDADES REALIZADAS



3.1 . PROJETO
DE ARQUITETURA
PAISAGISTA
. QUINTA FAMILIA LAVADO
. SANTIAGO DO ESCOURAL

Fig.1 . Vista sobre o elemento de água da Quinta da Familia Lavado após a execução do projeto . Fonte: AJS

3 . PROJETOS REALIZADOS

3.1 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A QUINTA FAMILIA LAVADO . SANTIAGO DO ESCOURAL

3.1.1 . ANÁLISE

O espaço de intervenção localiza-se no concelho de Évora, na entrada da Vila de Santiago do Escoural, encontrando-se em contacto com duas realidades distintas: Por um lado encontra-se limitado a Norte/Este por habitações de tipologia homogénea, por outro encontra-se limitado a Sul por extensas áreas de montado e a Oeste por pastagens e campos agrícolas.

A quinta tem uma área aproximada de 8.870m². É composta por três edifícios principais de carácter habitacional, um conjunto de pequenos barracões “improvisados” que servem de apoio às atividades agrícolas e de produção de lenha praticadas na quinta, um pequeno elemento de água, um poço e um tanque de rega. Cada estrutura edificada apresenta uma orientação diferente, tornando o espaço confuso e muito complexo (fig.3 / 4 / 5). A quinta é limitada por um muro, na sua fachada principal, e por vedações de rede metálica nos restantes limites.

A ligação entre as diferentes estruturas edificadas é feita por uma superfície em terra batida e algumas áreas revestidas a cimento, não existindo uma articulação funcional entre estas. A vegetação presente nos pequenos canteiros, concebidos pelos proprietários, tem maioritariamente um carácter produtivo (presença de árvores de fruto), pontuada por algumas espécies exóticas. Na quinta desenrolam-se atividades agrícolas e produção de lenha.

O espaço carece de intimidade, uma vez que é visualmente exposto em todas as direções, levando a que seja um espaço muito pouco vivido pelos proprietários. Os planos de maior interesse e amplitude visual encontram-se a Sul e Oeste, sendo compostos por extensas áreas de montado e pastagens.

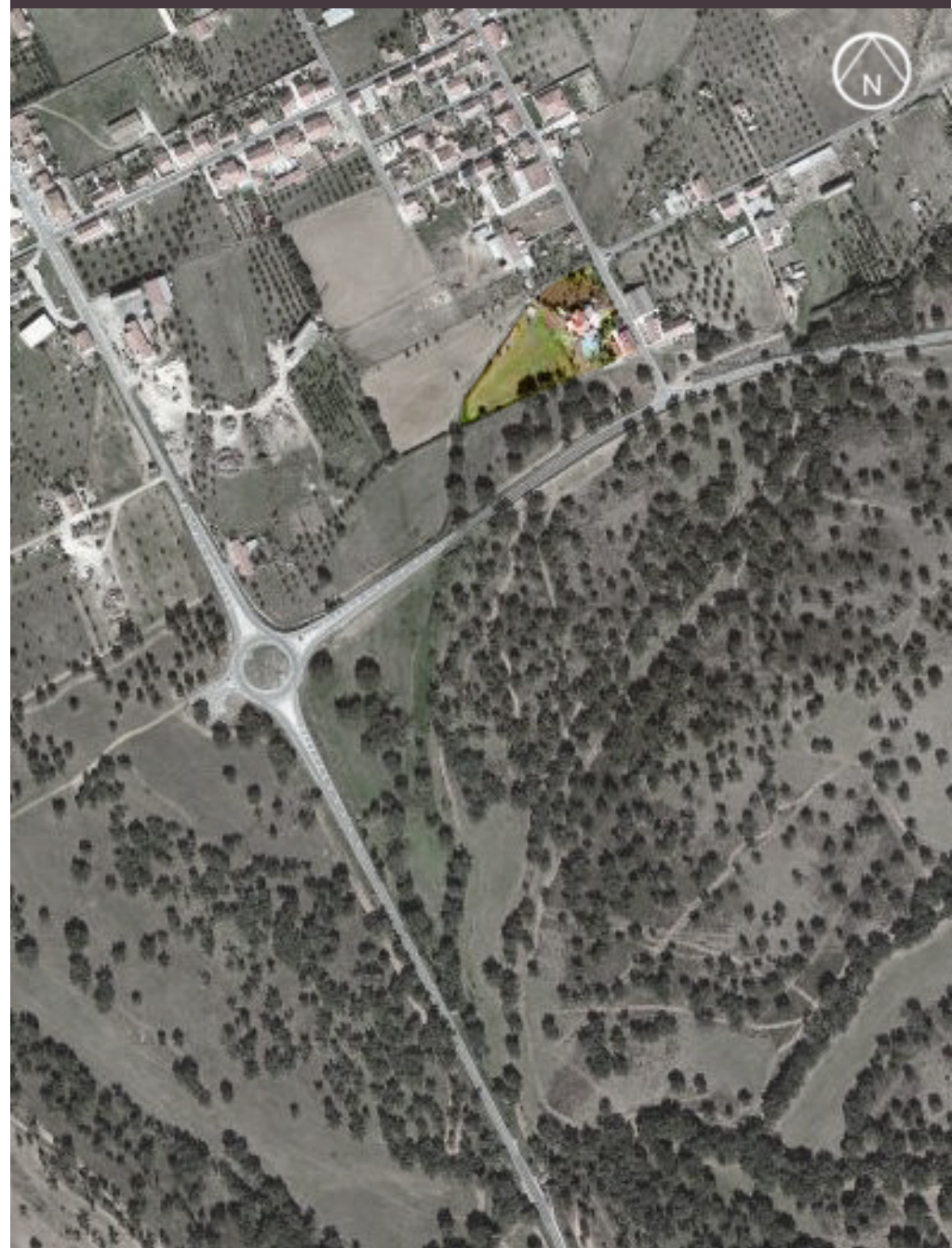


Fig.2 . Vista aérea da Quinta da Família Lavado . Fonte: Bing Maps

A quinta pertence a três proprietários da mesma família, que vivem nos três edifícios habitacionais presentes na propriedade. O projeto foi requerido apenas por um dos proprietários, sendo que os restantes revelavam algum ceticismo em relação à proposta que seria apresentada.

3.1.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO

Os proprietários tinham, à partida, uma ideia determinada para este espaço que incluía intervenções distintas, nomeadamente:

- . Criação de um espaço multifuncional de articulação entre as diferentes estruturas edificadas;
- . Criação de áreas de estadia, lazer e enquadramento;
- . Criação de áreas de estadia que proporcionem o isolamento do restante espaço, seja de elementos perturbantes na sua envolvência (edifícios, construções improvisadas da vila, etc.), seja de outras pessoas, criando assim espaços de retiro;
- . Uso de espécies vegetais com tons glaucos, verdes e vermelhos;
- . Recuperação e valorização das diferentes estruturas hidráulicas;
- . Definição de áreas de estacionamento e circulação automóvel;
- . Integração de objetos tradicionais ligados ao meio rural, nomeadamente, potes antigos, “pias” de pedra e ferramentas metálicas ligadas às práticas agrícolas;
- . Criação de área pavimentada, junto à antiga zona de matança de porco.

Tendo em conta o desejo dos proprietários e o carácter que o lugar apresentava, foi desenvolvida uma proposta de intervenção tendo como principais objetivos a articu-



Fig.3 . Domínio da presença dos automóveis no jardim . Fonte: AJS



Fig.4 . Situação anterior à intervenção . Fonte: AJS



Fig.5 . Vários elementos dispersos no espaço . Fonte: AJS

lação e valorização da quinta, e o estímulo da vivência no jardim.

A quinta encontra-se na interface entre o limite do perímetro urbano da vila e as extensas áreas de montado a Sul, sendo evidente o contraste entre estas duas realidades. Assim, desenvolveu-se o conceito desta proposta baseado no “contraste”, onde as formas simples e fluidas do desenho da proposta, se opõem à rigidez e diferentes orientações do edificado, articulando-o.

Procura-se, desta forma, criar um equilíbrio entre natureza e cultura, um diálogo entre estes, seja pelo desenho do projeto e pela vegetação proposta, que reinterpretem a naturalidade, seja pelo isolar deste espaço dos elementos perturbantes, valorizando o plano cénico do montado (**Mus e McDowell**, 2006).

3.1.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Quando iniciei o estágio este foi o primeiro projeto em que tive a oportunidade de colaborar, sendo que já se encontrava na fase final do estudo prévio. Após uma explicação detalhada da situação existente, das solicitações dos proprietários e da proposta por parte da Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern, colaborei com a arquiteta em pequenos reajustes na funcionalidade do projeto, na escolha da vegetação e pavimentos e na reabilitação do elemento aquático.

Uma das exigências feitas pelos proprietários foi a redefinição das áreas de circulação pedonal e automóvel pavimentadas e a definição de zonas de estacionamento, numa lógica em que grande parte do espaço teria que permitir a circulação automóvel. Esta exigência foi a maior condicionante no desenho do projeto refletindo-se na criação de áreas pavimentadas que articulam o espaço suportando tanto o uso requerido, como os usos ligados à estadia e lazer.

Optou-se por utilizar dois tipos de pavimento que marcam duas situações distintas: Por um lado, a calçada de granito é proposta nas áreas “nobres” do espaço, nomeadamente nas entradas da propriedade e espaços que poderão suportar diversos usos diretamente ligados à habitação. Por outro lado, o saibro é proposto nas áreas



Fig.6 . Plano Geral . Fonte: AJS, adaptado por VL.



Fig.7 . Perspetiva representativa da zona central . Fonte: AJS



Fig.8 . Perspetiva representativa da entrada principal . Fonte: AJS

de estadia formal mais recatadas, suportando apenas o uso pedonal. Uma vez que o cliente não forneceu um levantamento topográfico, o atelier decidiu que a proposta deveria desenvolver-se respeitando a topografia existente.

Propuseram-se duas tipologias de vegetação que se articularão com a vegetação existente no local. Por um lado, a vegetação resistente e com tons predominantemente glaucos e bordeaux, em zonas adjacentes às áreas revestidas a calçada e ao edificado; por outro lado, optou-se por usar vegetação com um aspeto mais luxuriante e fresco nas zonas associadas à presença da água, nomeadamente na envolvência do elemento aquático e no tanque. A vegetação arbustiva escolhida é de grande e médio porte nas zonas associadas ao elemento de água e ao tanque conferindo-lhes uma atmosfera mais recatada e isolada, quer do restante jardim, quer da estrada que se encontra no seu limite Este (**Moreira, 2008**).

A vegetação arbustiva usada na envolvência do edificado e nas áreas contíguas à presença da água é de pequeno e médio porte, assegurando assim uma melhor integração do edificado, proteção do vento e abertura para a paisagem.

São propostos três *Prunus cerasifera cv. pissardii*, que têm a função de pontuar, tanto a entrada da quinta, como os espaços de estadia propostos, uma *Melia azdarach* pontuando o pátio existente entre as habitações principais e duas *Tipuana tipo* na zona do tanque procurando acentuar a frescura junto a este elemento.

O elemento de água presente caracteriza-se por ser uma construção recente, simplista e pouco interessante. Assim, propôs-se a sua reabilitação (fig.1) criando duas superfícies de transbordo que acentuam a presença da água e conferem dinamismo e sonoridade ao espaço (**Brown, 2008**).

Após a minha colaboração com a Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern no desenvolvimento dos ajustes finais do estudo prévio foi-me atribuída a tarefa de desenvolver algumas perspetivas representativas da proposta, as quais desenvolvi através dos softwares Sketchup e Adobe Photoshop.



Fig.9 . Perspetiva da solução a 2ª fase na zona Sul da propriedade . Fonte: AJS

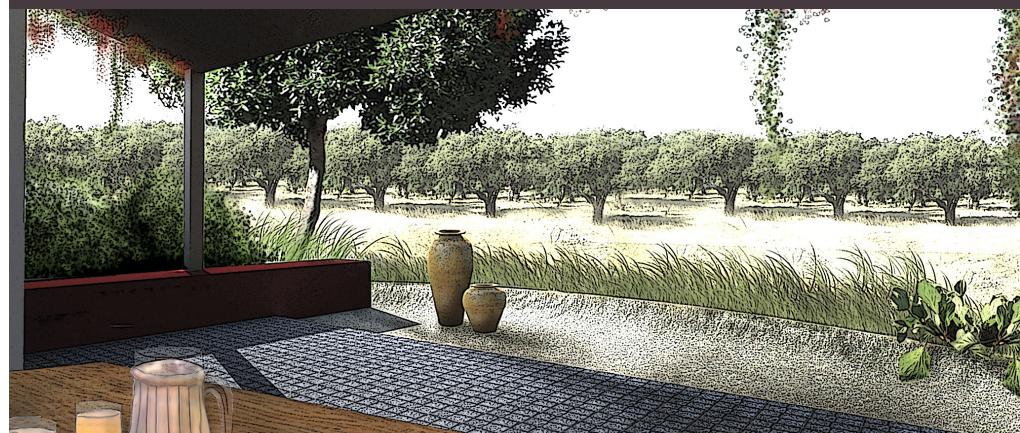


Fig.10. Perspetiva representativa do telheiro proposto para a 2ª fase . Fonte: AJS



Fig.11 . Perspetiva proposta para a 2ª fase do pátio central . Fonte: AJS

Com o plano geral (anexo.1) e as perspectivas terminadas seguiu-se uma reunião com o cliente, a qual resultou na aceitação da proposta. De seguida iniciou-se a elaboração do plano final e do projeto de execução, no qual me foi atribuída a função de pormenorização do elemento de água (anexo.2) e colaboração na elaboração do plano de plantação (anexo.3/4). As restantes peças foram desenvolvidas pela Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern sendo que a minha colaboração foi pontual (Holden e Liverseoge, 2011).

Com a finalização das peças técnicas, procedeu-se então ao contacto com as diferentes especialidades que executariam o projeto e deu-se início à obra.

Por ter acompanhado a obra, desde o início da sua construção, tive a oportunidade de assistir a todas as fases e processos presentes e de desempenhar diferentes funções que até então nunca antes tinha experienciado, desde a coordenação até à plantação.

Por iniciativa própria decidi que as minhas funções não se deveriam restringir apenas ao acompanhamento e coordenação da obra permitindo que desempenhasse outros trabalhos de carácter mais prático, importantíssimos para uma melhor compreensão das técnicas e processos presentes numa obra.

Deste modo, participei no terreno nas medições e marcações do desenho da intervenção e dos perímetros de segurança das espécies a proteger (recorrendo a fitas, estacas e fios de delimitação), seguidas pelos trabalhos de regularização do solo e abertura das valas para a passagem das tubagens necessárias ao sistema de rega, elemento aquático e iluminação (com recurso à retroescavadora) onde tive a oportunidade de colaborar com a Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern na sua coordenação.

Posteriormente tive a oportunidade de assistir à instalação das tubagens do sistema de rega, do elemento aquático e da iluminação, de coordenar as descargas de material essencial para a construção das superfícies pavimentadas e de assistir aos diferentes processos da sua construção (saibro e calçada de granito).



Fig.12 . Vista da zona central do jardim após a execução da proposta. Fonte: AJS



Fig.13 . Vista sobre a entrada principal do jardim após a execução da proposta. Fonte: AJS



Fig.14 . Vista a partir do pátio central . Fonte: AJS

Após a construção das áreas pavimentadas procedeu-se à preparação do solo (re-correndo a ancinhos, enxadas, matéria orgânica, etc.) para a posterior plantação, onde tive a oportunidade de executar pontualmente estas funções que me possibilitaram uma melhor compreensão do processo de plantação.

Particpei também na receção e confirmação da vegetação proveniente do viveiro, na sua distribuição e plantação de acordo com o plano de plantação e assisti à instalação do sistema de rega, onde o técnico responsável pela sua instalação me explicou o funcionamento prático dos diferentes setores. Após a instalação do sistema de rega, presenciei a colocação do mulch de casca de pinheiro nas áreas de plantação.

Por fim, assisti à reabilitação do elemento aquático, ou seja, à construção da estrutura do compartimento técnico e das superfícies de transbordo, à instalação da bomba e filtro, a sua ligação às tubagens previamente construídas e aos primeiros testes de funcionamento.

Após a finalização da obra seguiu-se a monitorização mensal da vegetação, onde tive a oportunidade de assistir pela primeira vez à evolução de um projeto em que colaborei.

Terminada esta fase iniciou-se, a pedido da proprietária, a segunda etapa do projeto para a zona Sul da propriedade, ilustrada pelas perspetivas 9, 10 e 11. O plano final, assim como todas as outras peças escritas e desenhadas que completam o projeto de execução desta segunda fase, ainda se encontram em desenvolvimento.

3.1.4 . REFLEXÃO PESSOAL

Considero este projeto extremamente importante para o meu crescimento e aprendizagem pois tive a oportunidade de aplicar os conhecimentos apreendidos durante o percurso académico, para além de ter evoluído e aprendido novas competências profissionais.



Fig.15 . Integração de um antigo elemento pertencente à família . Fonte: AJS



Fig.16 . Vista sobre o tanque . Fonte: AJS



Fig.17 . Zona intimista . Fonte: AJS

A maior aprendizagem sentida foi ao nível prático. Ter a oportunidade de fazer o acompanhamento desta obra, de assistir a todas as suas fases, de ver, tocar, conhecer os materiais, de interagir com as diferentes especialidades, algo que durante o percurso académico foi impossível de experienciar.

Compreendi que no setor dos espaços privados, mais do que no setor dos espaços públicos, a apresentação gráfica (perspetivas) ocupa uma posição muito importante no compreender das soluções que propomos por parte dos clientes, visto que na generalidade dos casos são raros os que sabem interpretar a planta de um projeto.

Notei que o projetista, como criador do projeto, deve estar sempre presente na obra e em permanente contacto com as diferentes especialidades, visto que bastam umas horas de ausência para que no retorno se notem alguns erros (especialmente ao nível formal) por parte dos colaboradores.

Apercebi-me também das limitações e clichés impostos pelos proprietários e da dificuldade em mudar mentalidades. Mas, com esta experiência apercebi-me também que não é impossível. Apesar do ceticismo, desconfiança e dúvida inicial de alguns dos proprietários deste projeto, noto agora que o espaço é vivido e cuidado por estes como se fosse o sítio mais precioso da casa.

Uma das limitações imposta pelo cliente, e que condicionou bastante o desenho do jardim, foi a possibilidade quase total de circular com o automóvel pelo espaço e, se possível, a criação de zonas de estacionamento onde o automóvel se assume como peça central. É triste compreender a importância exagerada que se atribui ao automóvel em Portugal, onde em vez de o jardim aparecer como espaço de vivência do Homem, aparece muitas vezes como espaço de vivência do carro.

A finalização desta obra e a sua monitorização levou a que tivesse a oportunidade de assistir presencialmente ao seu evoluir físico e vivencial. Fico extremamente grato ao atelier por ter tido a oportunidade de colaborar neste projeto, de ver crescer algo que ajudei a pensar, desenhar e construir.



Fig.18 . Integração de uma antiga "pia" no pátio central . Fonte: AJS



Fig.19 . Pormenor de caminho em calçada junto ao pátio central . Fonte: AJS



Fig.20 . Vista sobre o tanque . Fonte: AJS



3.2 . PROJETO
DE ARQUITETURA
PAISAGISTA
. ZONA CENTRAL
. QUINTA DA SOBREIRA
É V O R A

Fig.21 . Perspetiva representativa da solução para o espelho de água da Quinta da Sobreira . Fonte: AJS

3.2 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A ZONA CENTRAL DA QUINTA DA SOBREIRA . ÉVORA

3.2.1 . ANÁLISE

O espaço localiza-se perto de Senhor dos Aflitos – Évora, encontrando-se limitado por outras quintas de média dimensão, com campos agrícolas e olivais a Este e Oeste, e por quintas de grande dimensão, maioritariamente ocupadas por montado e pastagens, a Norte e Sul.

A quinta tem uma área aproximada de 15 ha. É composta por dois edifícios principais sendo um de carácter habitacional e outro usado como estúdio, um espelho de água e uma pérgula coberta por bignónias. O elemento de água tem uma forma retangular recortada por um semicírculo, e encontra-se revestido no seu limite Este por xisto (fig.23/25), criando um estranho contraste com a materialidade (granito e mármore) e as formas (linhas minimalistas do edificado) existentes na arquitectura e na paisagem envolvente. O elemento de água encontra-se revestido por uma tela impermeabilizante mal aplicada levando a que existam muitas perdas de água para o subsolo (fig.24). Existe ainda na proximidade da habitação um pequeno anexo pintado de vermelho escuro, projetado pela arquitetura, que apenas tem uma função estética bastante marcante.

A ligação entre as duas estruturas edificadas é feita por uma grande área central de gravilha de mármore e dois caminhos em calçada de granito. A vegetação presente no canteiro adjacente ao elemento de água, e pré-definido pela arquitetura, apresenta-se bastante degradada e disposta aleatoriamente (fig.28).

3.2.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO

Os proprietários tinham, à partida, uma ideia pensada para o espaço, nomeadamente:

. Reabilitação do elemento de água valorizando a sua funcionalidade e estética, para que pudesse suportar vegetação aquática (nenúfares) e espécies passeriformes.



Fig.22 . Vista aérea da Quinta da Sobreira . Fonte: Bing Maps

. Proposta para o canteiro rectangular adjacente ao muro de xisto.

Tendo em conta o desejo dos proprietários e o caráter que o lugar apresentava, foi desenvolvida uma proposta de intervenção, que teve como principais objetivos a reabilitação funcional e estética do elemento de água existente, onde para além de se procurar responder a este desejo expresso pelos proprietários, se “foi mais além” propondo a articulação entre o conjunto do elemento aquático (composto por espelho de água, muro de xisto e semicírculo do sobreiro) com a habitação, o estúdio e a sua envolvente, na tentativa de dar uma lógica a estes elementos.

O conceito do projeto surgiu da reflexão sobre a arquitetura existente e a sua posição neste lugar. Por um lado, o elemento de água tem uma forma retangular recortada por um semicírculo, e encontra-se revestido no seu limite Este por xisto, criando um estranho contraste com o substrato existente na paisagem envolvente (granito), assim como na arquitetura minimalista do edificado (retilínea). Por outro lado, as estruturas edificadas assumem protagonismo numa paisagem onde dominam as pastagens e montados.

Na impossibilidade de anular estes elementos, tão marcantes, procurou-se neles a razão para a sua existência neste lugar. Assim, chegou-se ao conceito de repetição que desenhará o projeto, sublinhando o potencial das estruturas existentes através da linguagem minimalista e clara das formas geométricas, como superfícies (espelho de água, gravilha e canteiro), linhas (muro de xisto) e pontos (círculo do sobreiro), procurando um diálogo com a arquitetura contemporânea da habitação e do estúdio e com a paisagem em que se insere.

As formas geométricas assumem, desta forma, importância no espaço dialogando com a arquitetura, como símbolo do domínio formal do Homem, enquanto a vegetação gramínea que as reveste dialoga com a envolvente, expressando as dinâmicas cíclicas dos elementos naturais, ou seja, estas formas geométricas (círculos) são o ponto de união entre o “natural” e o “cultural”, a obra efémera da Natureza e a persistente do Homem, tentando reestabelecer um equilíbrio entre o edifício e a paisagem (Vidiella, 2008).

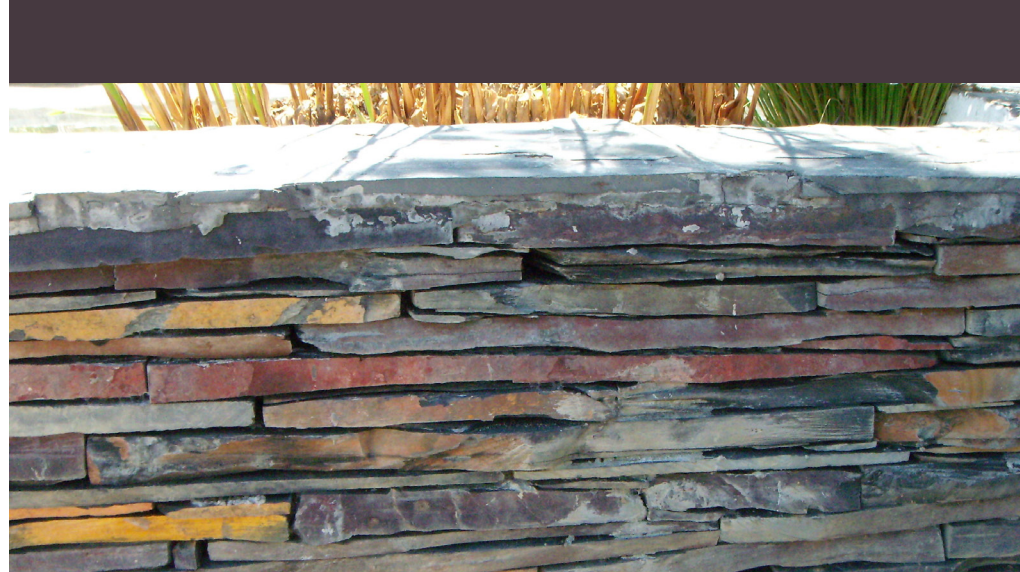


Fig.23 . Muro de xisto presente no espelho de água . Fonte: AJS



Fig.24 . Situação atual da tela impermeabilizante do elemento de água . Fonte: AJS



Fig.25 . Semicírculo que recorta o muro de xisto do espelho de água . Fonte: AJS

3.2.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Após uma reunião entre a Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern e o Gerente Pedro Duarte com a proprietária seguiu-se a explicação detalhada da situação existente e das condicionantes impostas por esta. Através das bases fornecidas pela cliente, levantamento topográfico (anexo.7) e projeto da habitação, iniciou-se a minha colaboração com a Arquiteta Paisagista no processo criativo do estudo prévio.

Optou-se por uma intervenção simples e minimalista que entra em diálogo com a arquitetura presente, articulando as estruturas existentes e integrando o muro de xisto do elemento aquático.

Assim, começou-se por identificar qual seria o elemento mais dissonante no espaço, e rapidamente chegámos ao muro de xisto uma vez que, nem na propriedade nem na arquitetura é usado este material. A opção lógica seria a sua substituição por outro que entrasse em diálogo com o que é próprio deste lugar e com a paisagem em que se insere. Mas, por limitações orçamentais e gosto do proprietário houve a necessidade de dar um sentido para a existência deste elemento.

Desta forma, a proposta procura integrar o muro usando como material primordial, o xisto, na envoltória do elemento aquático. Assim, o xisto, elemento dissonante do conjunto, tornar-se-á o seu elemento de articulação. Propõem-se assim pequenos apontamentos com elementos deste material (pedras de xisto) que atravessam o espaço interligando-o, iniciando-se na área revestida a gravilha, revestindo parte do elemento de água, e pontuando pequenas zonas no seu interior. Para além desta função de interligação das diferentes estruturas edificadas, as pedras de xisto que atravessariam o interior do elemento aquático suportariam também a possibilidade do pouso de espécies passeriformes respondendo assim a uma das exigências feitas pela proprietária. Escolheu-se também a cor do óxido de ferro como acabamento no interior do elemento de água, de forma a criar uma ponte entre o muro vermelho criado pela arquitectura e as tonalidades do xisto.

Outro elemento dissonante no conjunto é a semicircunferência que recorta a forma



Fig.26 . Situação atual da envolvente . Fonte: AJS



Fig.27 . Revestimento em gravilha de mármore junto ao espelho de água . Fonte: AJS



Fig.28 . Vegetação disposta ao acaso no canteiro adjacente ao muro de Xisto . Fonte: AJS

retangular do elemento de água rompendo com a lógica minimalista e retilínea da arquitetura (fig.27). Usou-se assim a mesma lógica usada no elemento anterior, ou seja, o elemento destoante do conjunto, tornou-se o elemento de articulação deste. Desta forma foram criados cinco elementos com forma circular, preenchidos com vegetação gramínea, que se distribuíram pelo espaço, interligando-o (anexo.5).

Para a reabilitação do elemento de água mantendo parte da sua estrutura, houve a necessidade de pesquisar materiais e técnicas de revestimento e impermeabilização de elementos de água e empresas especializadas na sua execução, sendo que esta foi mais uma das tarefas em que tive a oportunidade de atuar (Zimmerman, 2007).

A minha colaboração neste projeto seguiu-se com a elaboração de cortes representativos da solução proposta para a reabilitação do elemento de água (anexo.6).

Após a elaboração do estudo prévio sucedeu-se uma reunião com a proprietária, onde se procedeu à apresentação deste e de duas soluções técnicas para a reabilitação do elemento de água, a primeira composta por betão armado hidrofugado e a segunda por tela armada (liquida). O estudo prévio que preconizava a articulação entre os diferentes elementos construídos foi bem aceite pelos proprietários, mas as duas soluções técnicas para o elemento de água foram rejeitadas, uma vez que a primeira é uma solução dispendiosa e os clientes tinham receio que o betão rachasse, e por outro lado os clientes receavam que a tela armada liquida fosse incompatível com a saúde da vida animal. A solução recaiu assim sobre a tela impermeabilizante simples, onde de momento o *atelier* continua trabalhar na pormenorização da sua aplicação e remates.

3.2.4 . REFLEXÃO PESSOAL

Considero a elaboração deste projeto relevante pois, para além de ter consolidado, mais uma vez, os conhecimentos adquiridos no meu percurso académico, também aprendi que existem várias formas de transformar os elementos dissonantes no conceito do projeto, num potencial.

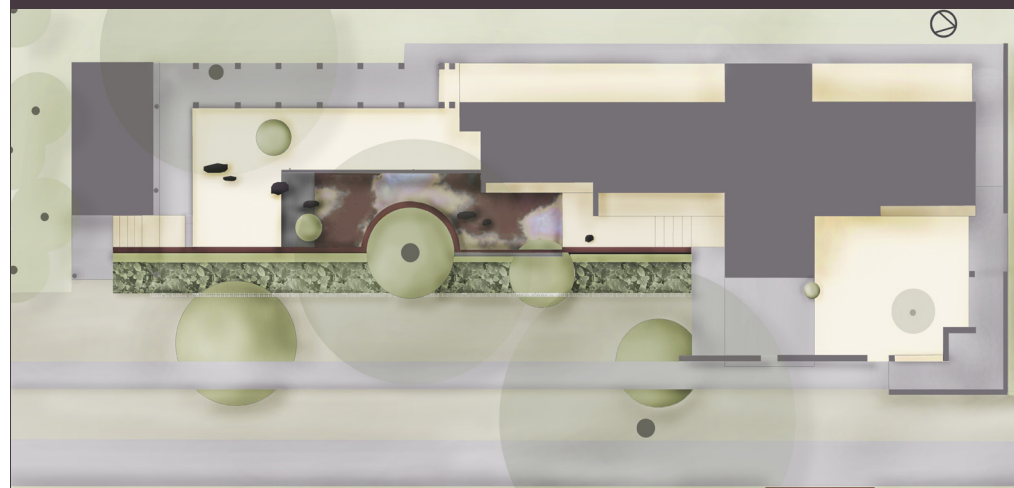


Fig.29 . Plano geral . Fonte: AJS, adaptado por VL

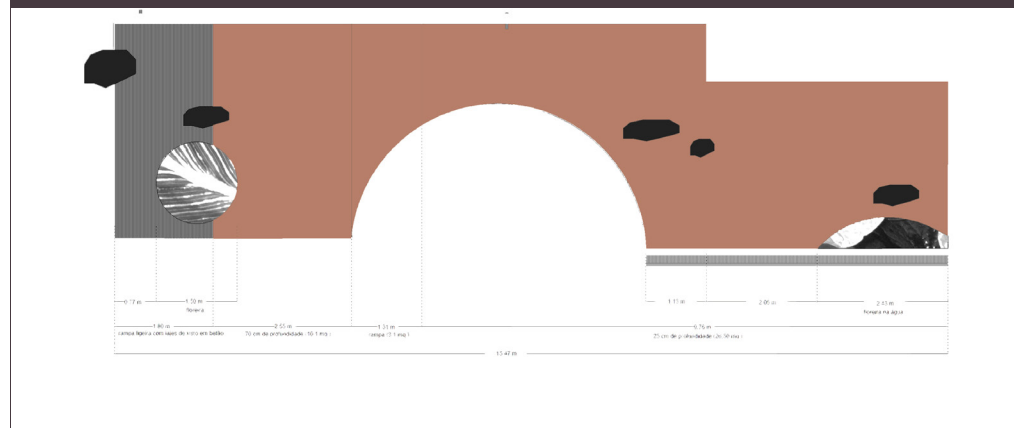


Fig.30 . Proposta de reabilitação do espelho de água . Fonte: AJS



Fig.31 . Cortes representativos do novo perfil do espelho de água . Fonte: AJS

Nos projetos académicos, quando me encontrava perante algum elemento dissonante no espaço, tinha a tendência para anulá-lo, pois não existiam limitações ao nível de custos e gostos mas, em projetos reais estas são as condicionantes que se sobrepõem, levando a que tenhamos que jogar com todos os elementos por mais despropositados que sejam e procurar neles uma razão para a sua existência. O que não quer dizer que os repitamos quando consideramos que não fazem sentido. Mas, entre uma só peça perdida numa composição e essa mesma peça integrada numa composição, a segunda opção prevalecerá. Assume-se assim a sua diferença, potenciando o projeto em si, como um todo e não apenas o elemento que anteriormente destoava.

Apercebi-me, também, do papel que têm os projetos baseados em intervenções pontuais para o contexto económico em que hoje se vive. A maioria dos clientes dispõe de um orçamento apertado para a execução do seu jardim, conduzindo-nos cada vez mais a optar por soluções simples e intervenções pontuais com baixos custos, tanto de execução como de manutenção. Assim, esta intervenção possibilita restaurar um sentido lógico a este espaço, por articular este conjunto de elementos e criar uma razão para a existência de elementos estranhos no projeto, recorrendo a elementos simples sem recorrer a grandes obras, refletindo-se num baixo orçamento favorável à disponibilidade ao proprietário.



Fig.32 . Perspetiva representativa da proposta . Fonte: AJS



Fig.33 . Perspetiva representativa da proposta . Fonte: AJS



3.3 . PROJETO
DE ARQUITETURA
PAISAGISTA
. ENVOLVENCIA DA HABITAÇÃO
. QUINTA FAMILIA GODINHO
R E D O N D O

Fig.34 . Perspetiva representativa da solução para o tanque proposto . Fonte: AJS

3.3 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A ENVOLVENTE DIRETA DA HABITAÇÃO DA QUINTA DA FAMÍLIA GODINHO . REDONDO

3.3.1 . ANÁLISE

O espaço localiza-se no concelho do Redondo, na entrada dos Foros da Fonte Seca, encontrando-se numa zona caracterizada pela presença de um elevado número de pequenas quintas. Encontra-se limitada a Norte/Este/Sudeste por outras pequenas quintas e olivais, e a Sudoeste contacta com uma extensa área de montado de sobreiro. O espaço é composto por dois edifícios principais, um de carácter habitacional e outro de apoio às atividades praticadas na quinta, encontrando-se estes na zona de maior cota. A propriedade estende-se numa encosta pouco declivosa no sentido Nordeste – Sudoeste, sendo maioritariamente ocupada por um olival pouco denso e pastoreio de gado caprino. A quinta tem uma área aproximada de 12.7 ha, e tem como limites uma vedação de rede plástica opaca no limite Este adjacente à propriedade vizinha e por vedações em rede metálica nos restantes limites.

O acesso às estruturas edificadas é feito por uma superfície em terra batida e a ligação entre estas, em lajes irregulares de xisto (substrato existente na propriedade). Nota-se a presença de uma pequena intervenção feita pelos proprietários, junto à habitação principal, composta por um revestimento em seixo rolado com tons branco e cinza, que criam um desenho em espiral (fig.36) e um relvado pontuado por diferentes espécies arbustivas, herbáceas e suculentas distribuídas ao acaso.

3.3.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO

Os proprietários tinham, inicialmente, solicitações para este espaço que incluíam intervenções distintas, nomeadamente:

- . Criação de um espaço funcional de articulação entre as estruturas edificadas;
- . Criação de áreas de lazer e fruição;



Fig.35 . Vista aérea da Quinta da Família Godinho . Fonte: Bing Maps

- . Criação de um pequeno parque infantil;
- . Integração de vegetação suculenta no projeto;
- . Implementação de um tanque junto à futura expansão da habitação principal a Noroeste;
- . Limitação da futura área de jardim, criando uma separação entre este e as atividades de pastoreio e apanha de azeitona presentes na quinta, criando intimidade nas áreas próximas à habitação e ao futuro tanque;
- . Integração de lajes de xisto presentes na propriedade;
- . Enquadramento das soluções apresentadas nos princípios da baixa manutenção e da correta adequação das plantas ao solo e clima locais.

Foi desenvolvida uma proposta de intervenção, que teve em conta tanto os desejos expressos pelos proprietários como o carácter que este lugar apresentava, marcada por um jogo de alinhamentos de vegetação arbustiva com alturas distintas que procura a criação de diferentes ambiências e de áreas com diferentes funcionalidades, e a articulação entre estas como um todo. Estes serão os elementos que estruturam o projeto conferindo, por um lado, intimidade ao jardim, enquanto por outro lado estimulam a deambulação neste, abrindo e fechando vistas para a paisagem em que se insere.

Este lugar apresenta-se inserido numa paisagem maioritariamente ocupada por extensos olivais, ou seja, uma paisagem monoespecífica, desprovida de elementos marcantes, apenas enriquecida pela topografia suavemente ondulada e pelas grandes manchas de montado de sobro a Sudoeste.

Desta forma, o conceito do projeto surge do enriquecer dos planos e vistas desfrutados sobre esta paisagem, da criação de momentos de surpresa na vivência deste es-



Fig.36 . Vista sobre a pequena intervenção feita pelos proprietários . Fonte: AJS



Fig.37 . Espécies suculentas presentes no jardim . Fonte: AJS



Fig.38 . Vista sobre a habitação . Fonte: AJS

paço, destacando ou balizando elementos comuns deste lugar (oliveiras), sem alterar a sua essência, tornando a sua banalidade em singularidade quando percebidos do jardim (**Abbs e Bowe**, 2009).

A definição dos alinhamentos arbustivos numa lógica concêntrica, apresenta-se como memória formal da pequena intervenção feita pelos proprietários no jardim, sendo que a sua centralidade foi deslocada para o interior da estrutura edificada e o seu tamanho ampliado, de forma a dialogar com a escala do edificado, tendo em vista a formalização da área de jardim e a criação de uma zona de transição entre esta e o olival (fig.39).

3.3.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Este projeto foi desenvolvido pela Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern em colaboração com a Arquiteta Paisagista Romaine van Krimpen, sendo que as minhas funções limitaram-se à colaboração na definição dos tipos de vegetação e dos pavimentos propostos, ao tratamento gráfico do plano geral e à elaboração de perspetivas representativas da proposta.

Este projeto foi desenvolvido esquematicamente, uma vez que não foi fornecido ao atelier um plano topográfico da propriedade. O levantamento topográfico seria feito após a aceitação do estudo prévio, de forma a que fosse corretamente desenvolvido o plano final.

Optou-se pela utilização de dois tipos de pavimento. Por um lado, a continuação do pavimento em lajes de xisto entre as estruturas edificadas fazendo uma ligação formal entre estas. Por outro lado, foi proposto saibro nos acessos à propriedade e nas áreas de estadia formal.

Foram propostas para o espaço três tipologias de vegetação que tentam integrar a vegetação existente no local. Por um lado, propõe-se vegetação arbustiva autóctone, de médio e pequeno porte, distribuída em alinhamentos curvos que, como já



Fig.39 . Plano geral . Fonte: AJS, adaptado por VL

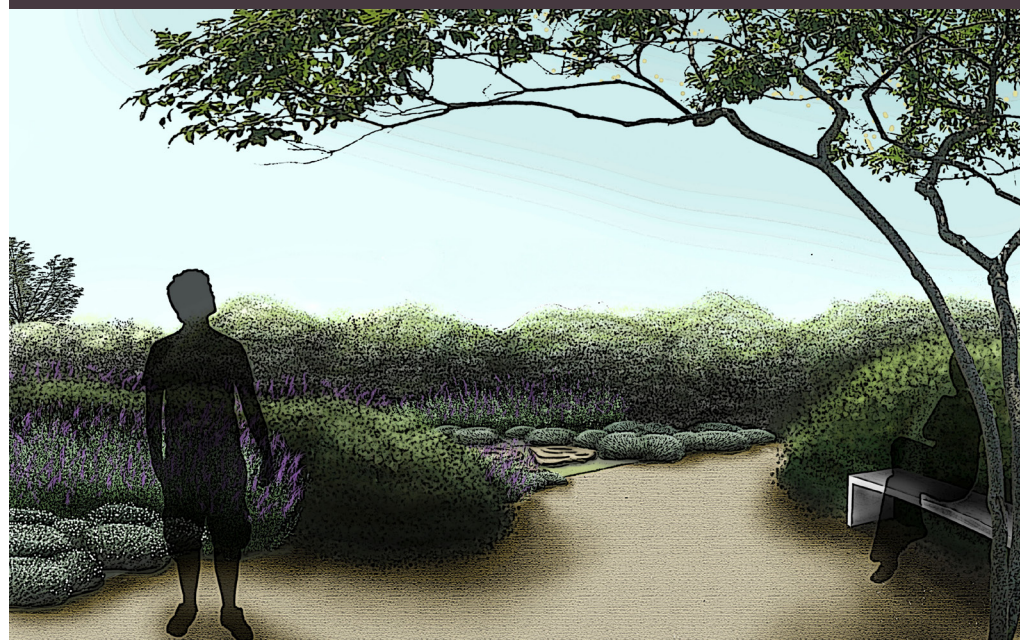


Fig.40 . Perspetiva da zona central . Fonte: AJS

foi referido na proposta, tem uma função estrutural na composição do espaço criando vistas e ambiências distintas (**Moreira**, 2008).

Por outro lado, optou-se por vegetação aromática herbácea e arbustiva de pequeno porte que ocupa as áreas próximas à habitação proporcionando, quer o seu uso na alimentação, quer a estimulação dos sentidos (fig.40).

São propostos para o espaço cinco elementos arbóreos com a função de pontuar as diferentes áreas do projeto, para além de contribuírem para a amenidade do jardim.

Por fim, uma das solicitações dos proprietários foi a integração de espécies exóticas suculentas na proposta, levando a que se tenha optado por integrá-las entre dois dos alinhamentos arbustivos propostos, fazendo com que a sua presença não fosse perceptível do exterior da propriedade mas que pudesse ser apreciada do interior, sem condicionar esteticamente as restantes áreas do jardim (img.41).

A minha colaboração neste projeto seguiu-se com a elaboração de um plano esquemático para o elemento de água (anexo.9), a elaboração de perspetivas representativas da solução proposta e o tratamento do plano geral, através do uso dos softwares Vectorworks, Adobe Photoshop e Sketchup.

Após a elaboração do estudo prévio (anexo.8) procedeu-se ao envio do mesmo ao cliente, acompanhado das respetivas perspetivas e memória descritiva. O atelier não obteve qualquer resposta apesar das contínuas tentativas de comunicar com o cliente.

3.3.4 . REFLEXÃO PESSOAL

Ao desempenhar as atividades anteriormente descritas, considero que, para além de ter consolidado mais uma vez os conhecimentos adquiridos, sinto que desenvolvi uma maior autonomia de trabalho, sendo que as funções que me foram gradualmente atribuídas tiveram cada vez maior importância.



Fig.41 . Perspetiva da solução para a integração das espécies suculentas . Fonte: AJS



Fig.42 . Perspetiva proposta para o parque infantil . Fonte: AJS

Neste projeto tive a oportunidade de criar a nova imagem de apresentação gráfica para os trabalhos desenvolvidos no atelier ao nível das perspetivas e planos gerais, simbolizando uma demonstração de confiança no meu trabalho por parte do atelier e, incentivando o desenvolvimento da minha capacidade criativa. Tive também a liberdade para explorar um novo método na elaboração das perspetivas, iniciando-as com um desenho à mão livre e posterior tratamento das cores e texturas no software Adobe Photoshop.

Com este projeto compreendi também o papel que tem a vegetação exótica no contexto rural, enquanto elemento que transporta o espectador para outra realidade. Penso que Portugal, como país marcado pelos descobrimentos, foi um dos maiores introdutores das espécies exóticas na Europa levando a que o culto do exótico seja algo característico da nossa cultura, sendo disto exemplo as quintas de recreio portuguesas. Assim, o exótico ocupa um papel importante na memória de outros tempos. No contexto rural, em oposição ao contexto urbano, o contacto com o autóctone é permanente fazendo com que a maioria da população utilize abundantemente as espécies exóticas pela sua diferença em relação àquilo que os rodeia.

É conhecido o potencial perigo do uso de exóticas quando estas são introduzidas sem qualquer tipo de avaliação dos impactes que poderão ter, seja na ocupação e domínio de espécies autóctones, seja pelas suas exigências inadequadas ao local onde se inserem, ou na descaracterização de uma paisagem. No entanto, não vejo o uso das exóticas como um fator negativo, desde que se optem por espécies adaptadas às nossas condições edáfo-climáticas, e que o seu uso seja controlado e de certa forma “atenuado” por vegetação autóctone, fazendo com que do exterior se tenha a imagem clara da paisagem local, e do interior, uma imagem que crie uma certa abstração à realidade que envolve o espaço.

Por fim, este foi o primeiro projeto que, após a entrega e apesar das várias tentativas de entrar em contacto com o cliente, o atelier não obteve qualquer resposta, deixando-me bastante desiludido e alertando-me para a falta de consideração por parte de alguns clientes pelo trabalho que requerem e posteriormente abandonam.



Fig.43 . Perspetiva representativa da solução para a zona do tanque. Fonte: AJS



Fig.44 . Perspetiva de uma possível vista do interior da futura expansão da habitação sobre o olival e o tanque. Fonte: AJS



3.4 . PROJETO
DE ARQUITETURA
PAISAGISTA
. HERDADE DA MORGADA
M O U R A

Fig.45 . Perspetiva da solução para a área posterior da habitação. Fonte: AJS

3.4 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A HERDADE DA MORGADA . MOURA

3.4.1 . ANÁLISE

O espaço localiza-se no concelho de Moura, perto da Estrada do Lameirão. Encontra-se numa zona caracterizada pelo relevo ondulado e pela ocupação extensiva de olivais e campos abertos de culturas cerealíferas e pastagens. A Herdade é de grandes dimensões e é maioritariamente ocupada por olival e por pequenas pontuações de figueiras. É limitada a Norte por extensas áreas de olival e nas restantes direções por campos abertos.

O espaço tem uma área aproximada de 291 ha e é composto por um edifício em ruínas na zona de cota mais elevada, o qual será restaurado e adaptado para que possa suportar o uso habitacional, e por um poço também bastante degradado numa zona de menor cota, a Sul da habitação (fig.47/48). A herdade é limitada por vedações de rede metálica em toda a sua envoltória. O solo é pedregoso.

3.4.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO

Os desejos inicialmente expressos pelos proprietários incluíam intervenções distintas para o lugar, nomeadamente:

- . Criação de uma proposta simples e sustentável;
- . Desenho de áreas de estadia, lazer e enquadramento;
- . Uso de plantas aromáticas;
- . Proposta para localização e desenho de uma latrina de apoio às atividades de co-lheita no olival;
- . Solução que dissimule as estruturas edificadas da propriedade vizinha a Norte;



Fig.46 . Vista aérea sobre a Herdade da Morgada . Fonte: Bing Maps

. Proposta com possibilidade de faseamento;

De acordo com o caráter deste lugar e com os desejos expressos pelos proprietários, foi desenvolvida uma proposta de intervenção, tendo como principais objetivos a valorização e enquadramento da futura estrutura habitacional da herdade.

A fluidez das formas, característica dominante no lugar, seja ao nível topográfico, ou em diversos elementos presentes neste (caminhos, alinhamentos de vegetação, etc.), proporcionaram as diretrizes para o desenvolvimento do conceito de intervenção – a Fluidez. Desta forma, optou-se pela criação de uma proposta que tira partido da situação de dominância visual da habitação sobre a sua envolvente, composta por formas simples e fluidas que gradualmente se dissolvem na paisagem, refletindo e acentuando a particularidade deste lugar. A ligação da proposta ao lugar é acentuada pelo uso de uma materialidade que lhe é própria, a pedra, usada de forma a marcar chegadas, entradas e áreas de estadia.

O desenho tenta, tal como foi requerido pelo proprietário, “tratar” a envolvente direta da casa de forma a que não exista um limite definido entre “jardim” e paisagem, ou seja, que se estabeleça uma transição suave e gradual entre estas duas realidades fazendo do “jardim paisagem” e da “paisagem jardim” (**Mus e McDowell**, 2006).

Além da envolvente direta da habitação são propostas mais sete zonas com intervenções pontuais na propriedade, as quais tentam fortalecer o potencial destes lugares, procurando estimular usos e vivências mais intensos e completos da riqueza desta paisagem.

3.4.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Após uma reunião entre a Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern e o Gerente Pedro Duarte com os proprietários, seguiu-se a explicação detalhada da situação existente e das condicionantes impostas por esta.



Fig.47 . Situação atual . Fonte: AJS



Fig.48 . Vista sobre o poço da herdade . Fonte: AJS



Fig.49 . Paisagem em que se insere a proposta . Fonte: AJS

Ao contrário dos demais projetos onde tive a oportunidade de colaborar, e em que o projeto de arquitetura já se encontrava executado, o cliente teve a sensibilidade de nos contactar antes da reabilitação da estrutura edificada para que, se necessário, se procedesse à sua alteração para uma correta articulação entre os projetos de arquitetura e de arquitetura paisagista.

Este foi também o primeiro projeto que tive a oportunidade de realizar sozinho, ainda que com a supervisão da Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern que me deu orientações relativas a questões conceptuais e de materialidade, sendo-me atribuídas as funções de projetar o estudo prévio (anexo.10), fazer a seleção da vegetação (anexo.12) e dos pavimentos, colaborar no faseamento da proposta e elaborar perspetivas representativas do projeto.

Através do levantamento fotográfico elaborado pelo Gerente Pedro Duarte e das bases fornecidas pelos clientes (anexo.11), iniciou-se a análise do espaço e o processo criativo do estudo prévio.

A habitação encontra-se no ponto maior cota da propriedade e é servida por três caminhos, sendo um deles principal guiando até ao alçado frontal da casa, e os restantes secundários, contornando a habitação e ligando ao olival e ao poço. No caminho principal de acesso à habitação encontram-se duas figueiras que o ladeiam e marcam a chegada à casa e dois conjuntos isolados e bastante antigos de *Opuntia ficus indica* (figueira da Índia) que, pela sua forma escultural e a sua importância como memória do lugar, apresentam valor para o projeto (fig.50).

Desta forma, usou-se o traçado pré-existente dos caminhos como limite da área de intervenção. São propostas duas áreas principais de receção e estadia, sendo a primeira na frente principal da habitação, criando uma área ampla e multifuncional que permite o acesso automóvel até à estrutura coberta do estacionamento (preconizada pelo projeto de arquitetura), e uma segunda no alçado posterior da habitação, que se associa à zona de maior uso da casa.



Fig.50 . *Opuntia ficus* . Fonte: AJS



Fig.51 . Situação de dominância visual sobre a envolvente . Fonte: AJS

Optou-se por propor dois tipos de pavimento. Um deles está associado às situações de maior interesse no espaço, marcando entradas ou áreas de estadia formal, sendo constituído por lajes de betão revestidas com material rochoso presente na propriedade. Estas lajes aparecem em diferentes tamanhos e distâncias e assumem a orientação principal da arquitetura, criando por um lado uma “ponte” com o conceito do projeto – o dissolver na paisagem – e por outro uma superfície pavimentada menos extensa e rígida. Estas aparecem ainda a pontuar os três caminhos existentes, marcando a aproximação à habitação. Por outro lado, propõe-se o saibro poroso como revestimento das restantes áreas de circulação, sendo que este deverá apresentar uma tonalidade próxima da tonalidade do solo da propriedade, para que não se destaque em demasia da sua envolvência.

A vegetação proposta apresenta formas fluidas que equilibram a rigidez da arquitetura e se enquadram no conceito do projeto - o dissolver na paisagem. As formas de maior dimensão encontram-se em contacto com a estrutura edificada e dispersam-se, assumindo gradualmente menores dimensões conforme se afastam desta. Assim, existe um variar entre uma plantação densa junto ao edifício, até uma pontuação que apenas marca trajetos nas áreas mais distantes deste.

A vegetação selecionada apresenta médio e pequeno porte, de forma a não prejudicar a extensa amplitude visual do lugar. De acordo com o desejo do proprietário, quanto à sustentabilidade do projeto, foram selecionadas espécies autóctones e espécies adaptadas às condições edáfo-climáticas do local (**Cabral e Telles**, 1999). Estas distribuem-se em manchas fluidas nas áreas destinadas à plantação, tentando explorar ao máximo as suas potencialidades plásticas, criando pontuações, acentuando direções e enquadrando vistas. São propostos sete elementos arbóreos que, para além de contribuírem para uma maior amenidade à exposição solar, criam pontuações nas áreas de receção e estadia (**Moreira**, 2008). É também proposto o transplante estratégico de algumas oliveiras presentes na propriedade para a encosta virada a Noroeste da habitação, de forma a camuflar o impacte das várias estruturas edificadas presentes na propriedade vizinha.



Fig.52 . Plano geral . Fonte: AJS, adaptado por VL



Fig.53 . Perspetiva representativa do alçado frontal da habitação . Fonte: AJS

A minha colaboração neste projeto seguiu-se com a elaboração de perspetivas representativas da solução proposta e com o tratamento do plano geral, através do uso dos softwares Vectorworks, Adobe Photoshop e Sketchup.

Com a elaboração do estudo prévio seguiu-se o desenvolvimento de uma proposta de faseamento. A proposta foi faseada em dois momentos, sendo o primeiro o projeto anteriormente descrito para a envolvimento direta da habitação, e o segundo constituído por quatro intervenções pontuais: na entrada da propriedade; junto ao poço; junto a um elemento arbóreo de dimensões monumentais (sobreiro) no extremo Nordeste da propriedade e na zona de maior cota, onde se propõe a criação de um ponto de contemplação, que serão posteriormente projetadas.

Após a elaboração do estudo prévio sucedeu-se uma reunião entre a Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern e o Gerente Pedro Duarte com os proprietários, resultando na aceitação da proposta. O projeto encontra-se pendente, aguardando uma análise do orçamento disponível tanto para as obras de arquitetura, como de arquitetura paisagista por parte dos clientes.

3.4.4 . REFLEXÃO PESSOAL

Considero que as funções que me foram atribuídas neste projeto demonstram a confiança que o atelier depositou no meu trabalho permitindo que realizasse com toda a liberdade este projeto, ainda que com a supervisão da Arq. Paisagista Andrea Morgenstern e do Gerente Pedro Duarte que sempre se disponibilizaram para dar ideias, esclarecer dúvidas e ajudar-me nas falhas.

Penso que o projeto anteriormente descrito foi extremamente importante na minha aprendizagem pois, mais uma vez, tive a oportunidade de aplicar grande parte dos conhecimentos apreendidos durante o percurso universitário.

Pude ser autónomo e criativo, e sinto que desenvolvi um gosto pelas características plásticas da vegetação que anteriormente ainda não tinha assimilado. Penso que,



Fig.54 . Perspetiva representativa do caminho Sul para a habitação . Fonte: AJS

anteriormente a esta experiência, nunca tinha explorado tão detalhadamente a plasticidade da vegetação, a forma como a vegetação capta a luz e a sombra que reproduz, a textura, forma e movimento de cada espécie e as suas possíveis combinações com outras espécies.

O conceito deste projeto pôde desenvolver-se, uma vez que os proprietários não impuseram limites ao desenho, permitindo que explorasse a minha criatividade. Foram clientes diferentes e com outra sensibilidade para a paisagem, facto que não notei nos demais clientes com que tive a oportunidade de trabalhar até este projeto.



Fig.55 . Perspetiva da solução proposta . Fonte: AJS



Fig.56 . Perspetiva representativa dos portes da vegetação proposta . Fonte: AJS



3.5 . PROJETO
DE ARQUITETURA
PAISAGISTA
. ENVOLVENCIA DA HABITAÇÃO
. QUINTA DO MARÇO
É V O R A

Fig.57 . Vista sobre o espelho de água da Quinta do Março após a execução do projecto . Fonte: AJS

3.5 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A ENVOLVÊNCIA DA HABITAÇÃO DA QUINTA DO MARÇO . ÉVORA

3.5.1 . ANÁLISE

O espaço localiza-se perto de Senhor dos Aflitos a Oeste da Estrada Municipal 527, em Évora, na proximidade do projeto anteriormente descrito, encontrando-se limitado por outras quintas de média dimensão, pastagens, pequenos olivais e montados mistos, onde se nota a presença de vários afloramentos graníticos.

A quinta tem uma área aproximada de 6.840m² e é composta por um edifício de carácter habitacional e um pequeno edifício de apoio (anexo.14). Este pequeno edifício encontra-se junto ao alpendre na fachada posterior da habitação, sendo esta uma das zonas mais frequentadas da casa (fig.61).

Na envoltória da habitação existem vários elementos arbóreos e arbustivos a demarcar os limites da quinta (*Quercus suber*, *Populus alba* e *Prunus spinosa*), um *Liquidambar orientalis* a pontuar a entrada da propriedade e várias *Olea europea* e *Fraxinus angustifolia* dispersos pelo espaço.

Na envolvente próxima à habitação existe um memorial construído em homenagem a um elemento da família, completamente desarticulado do restante conjunto edificado (fig.60). Este é composto por uma circunferência com 20m de diâmetro, revestida a casca de pinheiro e envolvida por sete *Olea europea* onde, no centro, se encontra um banco de granito com inscrições relativas a este familiar e uma *Robinia pseudoacacia*.

Adjacente à entrada principal da habitação existe uma área de forma retangular revestida a gravilha de granito claro, pontuada por uma magnólia e dois elementos rochosos de granito com uma tonalidade azulada, diferente do substrato característico deste lugar (provavelmente compradas numa pedreira), encontrando-se estes numa das margens da forma onde se inserem (fig.59). Esta composição produzida pela proprietária exprime uma procura da estética meditativa de jardins japoneses de



Fig.58 . Vista aérea sobre a Quinta do Março . Fonte: Bing Maps

filosofia Zen.

A habitação é envolvida por uma “moldura” de calçada de granito com um metro de largura.

3.5.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO

Inicialmente a cliente tinha uma ideia predefinida para o espaço, nomeadamente:

. Criação de uma intervenção de baixo custo, que articule o alpendre nas traseiras com o alçado frontal da habitação, e com o memorial, através de um percurso mais intuitivo que o existente;

. Criação de um elemento de água;

. Solução que dissimule o pequeno edifício de apoio junto ao alpendre da fachada posterior e a quinta vizinha a Oeste;

. Solução de revestimento para a envolvência da habitação;

. Integração de antigas sulipas de madeira presentes na propriedade;

. Possibilidade de faseamento da proposta.

Tendo em conta os desejos da proprietária e o carácter que o lugar apresentava, foi desenvolvida uma proposta de intervenção tendo como principais objetivos a articulação entre o alpendre existente no alçado posterior da habitação, a fachada principal desta e o memorial, através de um percurso funcional, intuitivo e esteticamente interessante, que tem como conceito de intervenção a manutenção do carácter aberto e livre entre casa e envolvente, fazendo “jardim” com a paisagem cultural existente através de uma linguagem simples e clara que se orienta nas linhas da arquitetura.

Para além deste percurso são propostas duas áreas de estadia contemplativa, uma delas situada junto à intervenção preexistente de filosofia zen, desenvolvida pela



Fig.59 . Vista sobre a intervenção de filosofia japonesa feita pela proprietária . Fonte: AJS



Fig.60 . Memorial . Fonte: AJS



Fig.61 . Vista sobre o alpendre na zona posterior da habitação . Fonte: AJS

proprietária, onde se procurou adaptar esta ao lugar, através de uma materialidade que lhe é própria (elementos rochosos de granito existentes na propriedade), e outra junto ao espelho de água proposto no alçado Sul do edifício.

Para tal, foi aumentada a área de calçada onde se desenrola este trajecto, permitindo que a chegada à entrada principal fosse mais convidativa e intuitiva, levando à diminuição do tamanho da área retangular revestida a gravilha de granito tornando-a, desta forma, as formas e a sua proporção mais harmoniosas entre si. Criou-se assim espaço para a implantação de um banco simples semelhante ao existente no memorial, adjacente à fachada da habitação, que formaliza este espaço como zona de meditação sobre a composição. Os elementos rochosos presentes (granito azulado) foram substituídos por outros encontrados na propriedade, na tentativa de enquadrar planos e vistas e de possibilitar um diálogo entre esta composição e a paisagem em que se insere. A escolha destes elementos deveu-se às suas formas e pátinas (musgos) mais inspirativas (karesansui-teien termo japonês para este assunto), tornando possíveis a contemplação e as “viagens mentais” sobre esta composição. A sua disposição pelo espaço foi alterada na procura de uma composição harmoniosa e inspiradora quando vista de vários pontos no espaço, integrando a magnólia preexistente e simbolicamente importante para a proprietária.

Aquando da procura destes elementos na propriedade foi encontrada uma rocha bastante invulgar (aproximadamente 1,20m x 1,20m x 0,60m) com um pequeno reservatório quadrangular escavado num dos topos. Pelo seu interesse e singularidade resolveu-se que esta deveria ser uma peça central da composição, dando origem a uma pequena fonte de circuito fechado, próxima da entrada principal, que contacta com os dois pavimentos existentes (gravilha e calçada de granito) pontuando a chegada à habitação pela sua presença e sonoridade tranquilizante.

A segunda área de estadia proposta localiza-se no alçado Sul da habitação, no percurso de ligação entre o alpendre localizado no alçado posterior e a entrada principal. Neste ponto procura-se a criação de um espaço de estadia que destaque as vistas sobre a paisagem e o memorial. Para tal, foi alargada a área revestida a calçada de



Fig.62 . Plano geral . Fonte: AJS, adaptado por VL



Fig.63 . Processo de construção do elemento de água . Fonte: AJS

granito adjacente à habitação, à semelhança do que se propôs para o espaço anteriormente descrito, tornando a circulação mais desafogada e possibilitando a criação de mais um “momento” durante o percurso - um espelho de água retangular com a orientação do edificado - que se encontra entre a calçada e o prado de sequeiro. Junto a este é proposto um banco, que incentiva a contemplação tanto do memorial e da paisagem, como dos reflexos nele espelhados. São ainda propostos dois elementos arbóreos de folha caduca, pontuando este espaço, articulando-o com a fachada e com a paisagem, tornando-o mais ameno durante o verão.

Na escolha da materialidade optou-se pelo uso de preexistências na propriedade, seja na paisagem (substrato de granito), seja na arquitetura (lajetas e calçada de granito em redor da habitação).

3.5.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O presente projeto (anexo.13) já se encontrava em fase de obra quando iniciei o estágio levando a que, após uma prévia explicação da proposta elaborada por parte da Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern, a minha participação se resumisse ao acompanhamento final da obra (finalização dos elementos de água) e à sua monitorização.

Desta forma tive a oportunidade de assistir à construção do espelho de água em aço corten. Este apresenta uma forma retangular limitada por perfis de aço corten com 4m x 1.5m e 0.20m de profundidade, a base é revestida por seixo de granito e é atravessado, na extremidade próxima da habitação, por sete lajes de granito com 0.35m x 0.35m. O espelho de água apenas tem um descarregador de fundo para a sua manutenção manual (fig.66). Com a conclusão do espelho de água, tive a oportunidade de assistir à construção do segundo elemento de água. Este é composto por um afloramento rochoso presente na propriedade que apresentava uma forma quadrada bastante singular, escavada num dos topos da pedra (fig.65 / anexo.15/16).

Durante as primeiras experiencias de funcionamento deste elemento de água, notámos que este produzia uma sonoridade artificial (um eco exagerado) quando a água



Fig.64 . Processo de construção do espelho de água . Fonte: AJS



Fig.65 . Elemento de água após a sua construção . Fonte: AJS

caia sobre a caixa molhada, conduzindo-nos à instalação uma rede plástica com uma malha apertada, de forma a reduzir o som produzido pela água.

Com a conclusão desta obra, seguiu-se a sua manutenção, onde pude assistir ao ressemeiar do prado, ao seu corte, e à limpeza do espelho de água.

3.5.4 . REFLEXÃO PESSOAL

Considero que apesar de não ter acompanhado este projeto desde a fase de estudo prévio, este foi relevante para a minha formação prática, uma vez que me permitiu assistir à fase final de obra acompanhando a construção dos elementos de água e colaborar após a construção na sua monitorização.

Esta obra permitiu-me uma melhor compreensão dos processos construtivos de elementos de água e do seu esquema de funcionamento e a possibilidade de construí-los recorrendo a soluções simples e económicas.

Interessante também foi o uso de objetos pré-existentis na propriedade tais como as antigas sulipas de madeira e o elemento rochoso usado no elemento de água que, para além de reduzirem o custo de obra, lhe deram uma singularidade e ancoraram a proposta ao lugar.

Com a execução deste projeto pude, mais uma vez, assistir ao crescimento de um jardim, ao seu evoluir físico e vivencial. Destaco a importância da monitorização do espaço após a sua conclusão, uma vez que é durante esta supervisão nos primeiros meses que se notam pequenos erros de construção (exemplo da sonoridade artificial de um dos elementos de água presentes nesta obra).



Fig.66 . Espelho de água terminado . Fonte: AJS



Fig.67 . Articulação entre o percurso proposto e o memorial . Fonte: AJS



3.6 . PROJETO
DE ARQUITETURA
PAISAGISTA
.TURISMO RURAL
. CASA DE CAMPO
VIMIEIRO

Fig.68 . Olival da propriedade . Fonte: AJS

3.6 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A UNIDADE DE TURISMO RURAL, CASA DE CAMPO . VIMEIRO

3.6.1 . ANÁLISE

O espaço localiza-se na freguesia de Vimieiro, no concelho de arraiolos, a Este da Estrada Nacional 251. Encontra-se numa zona de grandes quintas onde dominam, na sua envolvência, olivais e pastagens.

O espaço tem uma área aproximada de 38 ha, é composto por um edifício reabilitado para uso turístico, uma piscina recentemente construída e uma pequena casa em ruínas (fig.71). Todos estes elementos situam-se numa encosta com uma inclinação suave no sentido Sudeste/Noroeste, junto ao extremo Sul da propriedade.

Ainda no limite Sul foi mandado construir, pelo proprietário, um muro com cerca de 2m de altura ligando o edifício principal com a pequena casa em ruínas, fazendo com que se perdesse a ligação visual com o ponto de cota mais elevada desta encosta. Toda a propriedade é ocupada por um olival com uma trama de 6.50m de espaçamento.

Os acessos à habitação são feitos por uma superfície em terra batida, existindo dois acessos formais na propriedade. O acesso principal é de carácter pedonal e é feito a Oeste pela Estrada Nacional 251, junto à habitação (fig.70). O acesso secundário é destinado a automóveis e é feito no limite Norte, forçando que se percorra o olival para chegar à habitação. Existe ainda outro percurso secundário, com uma orientação Oeste/Este, usado para as atividades de colheita de azeitona na propriedade (fig.73).

3.6.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO

Os proprietários pediam para este espaço intervenções distintas, nomeadamente:



Fig.69 . Vista aérea sobre a “Casa de Campo” . Fonte: Bing Maps

. Criação de uma solução para a área entre a habitação e a piscina, que proporcione intimidade a estas duas zonas;

. Proposta para a zona de receção que suporte diversos usos;

. Solução para o estacionamento de seis veículos;

. Solução que destaque a oliveira existente entre a habitação e a piscina;

. Criação de uma zona de churrasco e respetiva solução para a sua cobertura;

. Implantação de uma zona relvada junto à piscina;

Foi desenvolvida uma proposta de intervenção que teve em conta tanto o carácter do lugar como as ambições dos proprietários, onde a oliveira presente entre a piscina e a habitação aparece como elemento âncora do projeto devido à sua centralidade e forma escultórica, desenhando todas as linhas a partir da sua posição no jardim. Aparece assim como elemento de ligação entre a proposta e a paisagem dominada por extensos olivais, sendo reforçada pela presença de alinhamentos de vegetação que reverberam a sua centralidade.

Estes alinhamentos diluem-se gradualmente no olival à medida que se afastam da zona central do jardim criando pequenos apontamentos que, por um lado dissimulam elementos visualmente perturbadores, e por outro enquadram vistas, criando assim uma zona de transição/mistura entre áreas produção e lazer, de forma a não limitar a vivência apenas ao jardim. Através destes alinhamentos de espécies herbáceas e arbustivas procura-se, também, criar maior riqueza visual sobre a envolvente, abrindo e fechando vistas para o olival (Asensio, 2005).

3.6.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Após o contacto por parte dos clientes, expressando os seus desejos para o espaço,



Fig.70 . Entrada principal . Fonte: AJS



Fig.71 . Vista sobre a habitação e a piscina . Fonte: AJS

foi agendada uma reunião no local para se proceder à sua análise. Após a reunião seguiu-se a explicação detalhada da situação existente e das condicionantes impostas pelos proprietários, por parte do Gerente Pedro Duarte e da Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern. Através das bases fornecidas pelo cliente (planta de implantação da habitação e piscina) iniciou-se a minha colaboração com a Arquiteta Paisagista no processo criativo do estudo prévio (anexo.17), na escolha de materiais e revestimentos e na elaboração da apresentação gráfica do projeto.

Este estudo prévio foi desenvolvido esquematicamente, uma vez que não foi fornecido ao atelier um plano topográfico da propriedade. O levantamento topográfico seria feito após a aceitação do estudo prévio, de forma a que se pudesse desenvolver corretamente o plano final.

Um dos desejos dos clientes era a criação de uma solução que desse destaque a uma oliveira pré-existente entre a habitação e piscina, que apresenta maior porte, e um tronco escultórico, destacando-se das restantes na propriedade. Desta forma, assumiu-se esta árvore como elemento central e estruturante do projeto, como âncora que cria uma ponte entre o jardim e a sua envolvente, criando-se uma circunferência em torno da sua base, que reforça este caráter central, fazendo a ligação entre o pavimento envolvente da piscina e pavimento da fachada principal da habitação. A partir da centralidade deste elemento foram desenhados alinhamentos de vegetação herbácea e arbustiva que gradualmente se diluem no olival envolvente, criando pequenos apontamentos que têm tanto a função de dissimular elementos visualmente perturbadores, como de enquadrar vistas, criando assim uma zona de transição entre a área produtiva e a de lazer.

Estes alinhamentos de vegetação encontram-se mais condensados na área intermédia entre a zona da piscina e a zona da habitação, e entre a última e a zona de receção, criando uma barreira física e em certos pontos visual, separando as vivências destes espaços, de forma a responder a uma das exigências feitas por parte dos proprietários.



Fig.72 . A habitação e a oliveira estruturante da proposta . Fonte: AJS



Fig.73 . Vista da piscina sobre o olival . Fonte: AJS

É proposto no lado Sul da piscina um relvado que se estende até ao muro existente. Este é atravessado por fragmentos dos alinhamentos de vegetação, criando um fundo que atenua o impacto do muro existente.

Adjacente ao relvado é proposta uma zona revestida a saibro que suporta os usos ligados às refeições no exterior, onde se sugere a localização do churrasco e da respetiva estrutura de ensombramento. Esta área é mais uma vez atravessada por pequenos alinhamentos de vegetação, entrando em diálogo com o restante desenho do projeto.

A Norte, a cerca de 15m da habitação, é proposta a zona de estacionamento para seis automóveis, adjacente à via de acesso secundário existente. Para este espaço são também propostos três alinhamentos de vegetação arbustiva com o objetivo de dissimular o impacto visual provocado pelos veículos estacionados.

É proposta uma zona ampla em saibro que poderá suportar diversos usos. Esta área faz a ligação entre a entrada principal da propriedade com os acessos secundários do estacionamento, da manutenção do olival e com a entrada da habitação.

Por um lado, a vegetação proposta varia entre a autóctone de médio e grande porte, de tons predominantemente glaucos nos alinhamentos mais distantes do núcleo do jardim, procurando um diálogo com a tonalidade dominante deste lugar (**Moreira**, 2008). Por outro lado, na zona central do jardim e nas zonas diretamente ligadas à habitação é proposta vegetação de pequeno e médio porte que assume uma mistura entre tons glaucos e verdes e uma plantação mais densa.

Após a conclusão do estudo prévio, a minha colaboração seguiu-se com a elaboração de perspetivas representativas da solução proposta e com tratamento do plano geral, através do uso dos softwares Vectorworks, Adobe Photoshop e Sketchup.

Após a elaboração do estudo prévio realizou-se no local uma reunião de apresentação do plano e das respetivas perspetivas aos clientes. Aquando desta reunião, a



Fig.74 . O contacto directo entre a fachada da habitação e a N 251 . Fonte: AJS

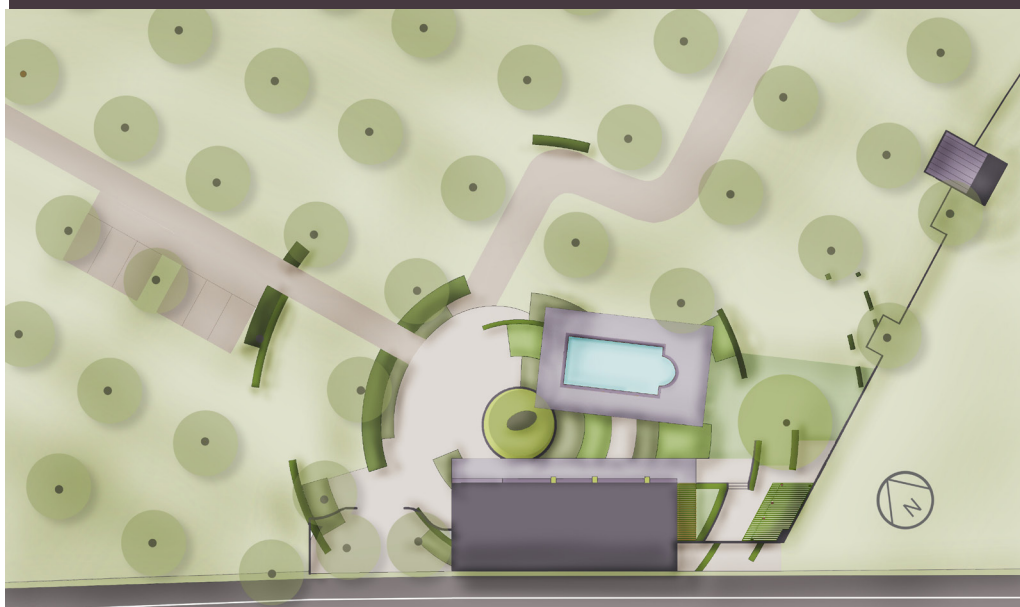


Fig.75 . Plano geral . Fonte: AJS, adaptado por VL

Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern e o Gerente Pedro Duarte aperceberam-se que os clientes já tinham iniciado, antes da apresentação do projeto, a plantação de um alinhamento de laranjeiras com um compasso de 1.5m que se estendia desde a entrada principal da propriedade até ao acesso para a manutenção do olival.

Apesar da apresentação bem-sucedida e do parecer positivo dado pelo cliente, a aprovação da proposta ficou em standby. Ao fim de várias tentativas falhadas de comunicar com o cliente, o atelier obteve resposta de que este tinha optado por uma proposta mais barata.

3.6.4 . REFLEXÃO PESSOAL

Este foi mais um projeto que tive a oportunidade de desenvolver em colaboração com a Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern possibilitando mais uma vez ao consolidar de muitos dos conhecimentos apreendidos no que se refere à elaboração de projeto, durante o meu percurso académico.

Uma das exigências feitas por parte dos clientes para este projeto foi a rapidez na apresentação da solução proposta havendo a necessidade de trabalhar arduamente num prazo apertado, testando desta forma a minha capacidade de resposta.

Mais uma vez fui confrontado pela dura realidade do mercado de projetos privados de Arquitetura Paisagista, onde notei que alguns clientes fazem uma prévia análise de mercado onde vão solicitando projetos e orçamentos para depois selecionarem o mais económico (sendo que este muitas vezes nem é realizado por um Arquiteto Paisagista), sem pelo menos olharem para os planos elaborados por profissionais experientes que dedicaram infinitas horas na sua elaboração.

Desta forma, já compreendo algumas das intervenções inexplicáveis que por vezes observava em jardins privados. Muitas vezes eram feitas pelos próprios proprietários para satisfazer os seus clichés contemplados em revistas, mas agora acredito que grande parte destas foi feita por viveiristas que tinham que “despachar” o seu stock acumulado de relvado e palmeiras.



Fig.76 . Perspetiva representativa da ligação visual entre a zona da piscina e o olival . Fonte: AJS



Fig.77 . Perspetiva da solução para a separação entre a habitação e a zona da piscina . Fonte: AJS



3.7 . PROJETO
DE ARQUITETURA
PAISAGISTA
. CLINICA FRESENIUS
É V O R A

Fig.78 . Pormenor do contraste de texturas entre as soluções de revestimento e vegetação . Fonte: AJS

3.7 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA A CLÍNICA FRESENIUS . ÉVORA

3.7.1 . ANÁLISE

O espaço localiza-se na zona industrial da cidade de Évora, na Rua do Marceneiro, no limite Sul da área construída da cidade. Encontra-se limitado por edifícios de outras empresas com tipologia semelhante.

O espaço tem uma área aproximada de 3.580m² e é composto por um novo edifício de grandes dimensões situado no centro do lote e apresenta tonalidades que variam entre cinzento-escuro e vermelho. Existem ainda dois edifícios de máquinas situados nas extremidades Nordeste e Sudoeste da propriedade. Esta é limitada em todo o seu perímetro por um murete com aproximadamente 0.40m de altura, encimado por uma vedação de rede metálica com 1.70m de altura.

Grande parte da área do lote foi pavimentada com pavê nas áreas pedonais e de estacionamento e grelha de enrelvamento em betão preenchida com gravilha de mármore nas áreas de circulação automóvel (img.82). O acesso automóvel e pedonal é feito no extremo Nordeste do lote (img.80).

O terreno é aplanado e não apresenta qualquer tipo de vegetação, sendo que as possíveis áreas de plantação resumem-se a pequenos canteiros em torno da área pavimentada (img.81).

3.7.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO

Os desejos inicialmente expressos pela empresa baseavam-se nos seguintes:

- . Criação de uma proposta simples e de manutenção reduzida que respeite o reduzido limite orçamental;

- . Implantação de sistema de rega;



Fig.79 . Vista aérea da Clínica Fresenius de Évora . Fonte: Bing Maps

. Uso de espécies herbáceas e arbustivas de pequeno e médio porte, de forma a não comprometer o funcionamento do sistema de segurança do edifício;

Na tentativa de responder às solicitações da empresa tendo em conta o carácter deste lugar, foi criada uma proposta simples e de com baixos custos de execução e de manutenção. A Fresenius é uma clinica de hemodiálise conduzindo a proposta ao conceito de fluxo e renovação. Assim, foram criadas duas tipologias de alinhamentos de vegetação, diferenciadas principalmente pela cor, que simbolizam o fluxo e transformação de matérias diferentes, que gradualmente se diluem e se misturam simbolizando um ciclo (**Bahamón**, 2006).

3.7.3. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Após o contacto por parte do Grupo Fresenius, seguiu-se a visita ao local para a realização da sua análise. Após a análise da situação existente, das condições impostas e das bases fornecidas pela empresa (anexo.19) seguiu-se a minha colaboração com a Arquiteta Paisagista no processo criativo do estudo prévio (anexo.18), no plano de plantação (anexo.20), na escolha de materiais e revestimentos e na elaboração da apresentação gráfica do projeto.

A maior limitação neste projeto foram as imposições feitas pelo cliente em relação ao custo do projeto e porte das espécies a utilizar, levando a que se optasse por uma solução simples e com baixos custos de construção e manutenção, que se baseou no conceito de fluxo e renovação, de forma a simbolizar o processo de purificação característico do tipo de tratamento realizado na clinica.

Assim, foram criadas duas tipologias de vegetação que simbolizam uma transformação cíclica de dois estados, com características diferentes de cor (verde e glauco) e de “solidez” (pontos isolados que gradualmente se juntam a linhas, formando manchas mais densas). Desta forma, estes alinhamentos, pontos e manchas simbolizam o fluxo e transformação das matérias, sendo que gradualmente se diluem criando pequenos fragmentos que se misturam e que ciclicamente se convertem um no outro. A vegetação usada foi condicionada pelo cliente. Desta forma as espécies usadas



Fig.80. Monumentalidade do edifício . Fonte: AJS



Fig.81. Canteiros propostos pela arquitectura . Fonte: AJS

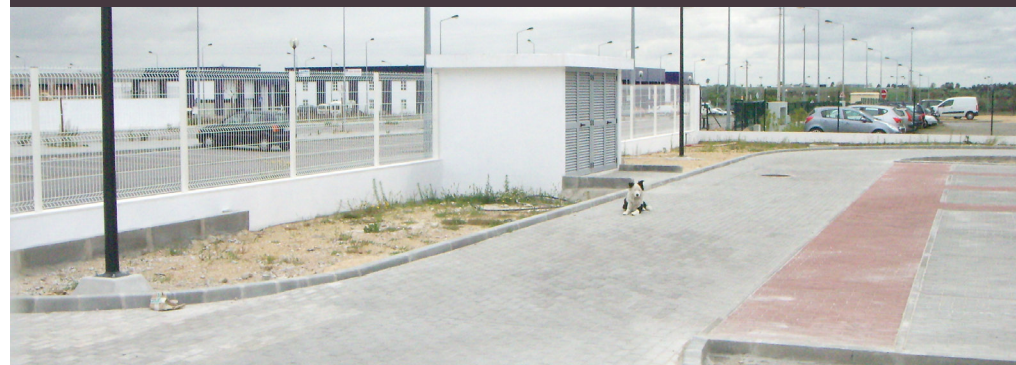


Fig.82. Canteiros e casa de máquinas no limite frontal do lote. Fonte: AJS

variavam apenas entre herbáceas e arbustos de pequeno e médio porte.

Optou-se pela utilização de seixo de rio como revestimento das áreas intersticiais às plantações, uma vez que este assume uma paleta de tons entre o salmão, vermelho e cinzento, entrando em diálogo com as cores predominantes nas soluções de revestimentos e pavimentos usadas pela arquitetura, nomeadamente no edifício e nos pavimentos que o rodeiam (tons vermelhos e cinzentos), para além de ser um material que confere uma certa “naturalidade” que contrabalança a excessiva rigidez dos materiais usados no restante espaço. Esta é também uma solução bastante económica e eficaz no controlo de infestantes.

Com a conclusão do estudo prévio foi-me atribuída a função de elaborar o tratamento gráfico do plano geral através do uso dos softwares Sketchup, Vectorworks e Adobe Photoshop. Devido aos prazos extremamente apertados desta entrega, não houve a possibilidade de elaborar perspetivas representativas da proposta.

Após a finalização da proposta de estudo prévio seguiu-se o seu envio para o cliente resultando na sua aprovação. De seguida iniciou-se a elaboração do plano final e do projeto de execução, no qual colaborei com a Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern na elaboração do plano de plantação e do plano final. Nas restantes peças a minha colaboração foi pontual (**Holden e Liverseoge**, 2011).

Com a finalização das peças técnicas procedeu-se então ao contacto com as diferentes especialidades que executariam o projeto e deu-se início à obra (anexo.21).

Com este projeto tive mais uma vez a oportunidade de assistir a todas as fases e processos de obra e de desempenhar diferentes funções já experienciadas no projeto anteriormente descrito na pág. 8 - “3.1 . Projeto de Arquitetura Paisagista para a Quinta Família Lavado”, consolidando assim os conhecimentos práticos adquiridos durante o presente estágio.

Mais uma vez optei por não restringir as minhas funções ao acompanhamento e co-

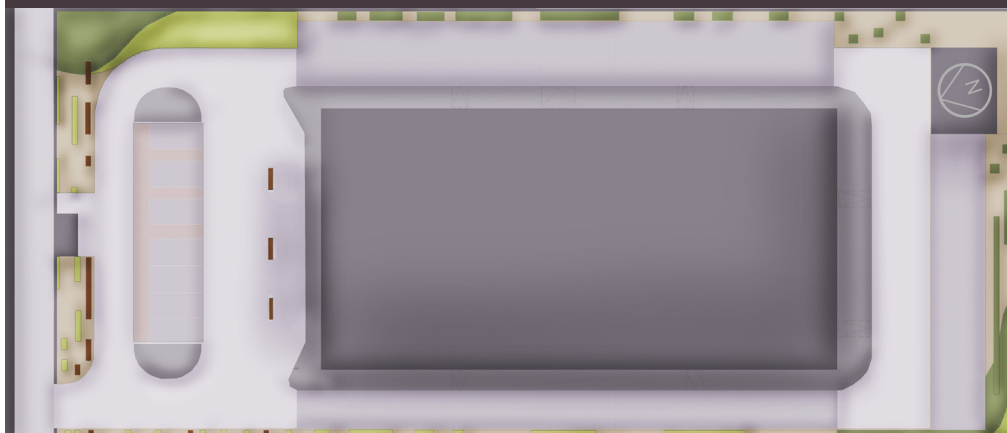


Fig.83. Plano geral . Fonte: AJS, adaptado por VL

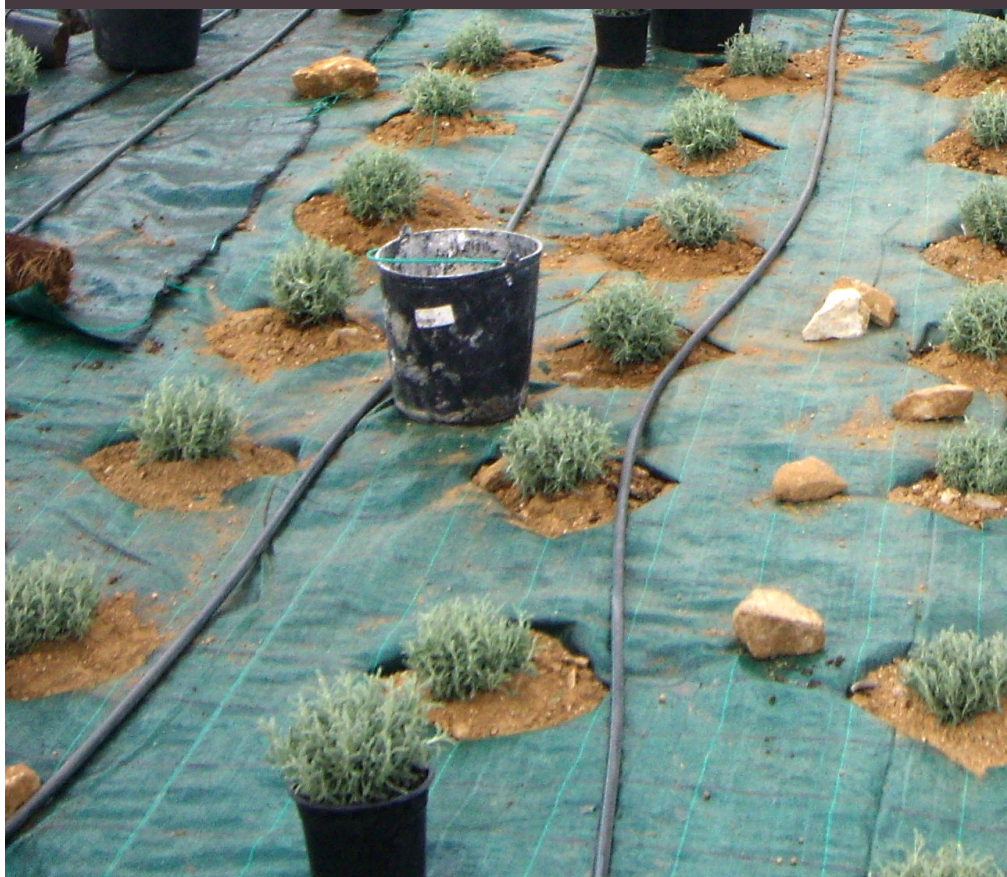


Fig.84. Instalação da tela anti-infestantes, sistema de rega e plantação . Fonte: AJS

ordenação da obra, fazendo com que executasse outros trabalhos de carácter prático, essenciais para uma boa compreensão das técnicas e processos presentes em fase de obra.

Deste modo tive a oportunidade de aprender e aplicar o método de colocação de tela anti-infestante e respetivos cortes cruzados no lugar da vegetação a instalar, assistindo de seguida à instalação do sistema de rega projetado e aplicado pelo técnico responsável que colabora com o atelier.

Após a finalização da obra seguiu-se a monitorização da vegetação onde, infelizmente, por ter sido um dos últimos projetos executados no atelier, não pude assistir ao seu evidente crescimento.

3.7.4 . REFLEXÃO PESSOAL

Considero a elaboração deste projeto relevante, uma vez que ao desempenhar as atividades anteriormente descritas senti que consolidei os conhecimentos apreendidos durante o meu percurso académico, especialmente ao nível prático, levando a que cada vez mais tenha uma melhor noção dos processos e dinâmicas presentes na fase de obra.

Esta foi uma proposta bastante condicionada, tanto por prazos de entrega, custos e até mesmo o tipo de vegetação, guiando-nos à elaboração de uma proposta muito simples que responde eficazmente aos desejos expressos pelo cliente.

Após a execução da proposta o atelier foi contactado para que integrássemos algumas árvores no projeto, uma vez que a clinica queria participar nos “100 anos da Fresenius”, ou seja, os pré-requisitos de segurança que limitaram o projeto, condicionando a proposta ao uso de espécies de pequeno e médio porte, aqui já podiam ser ultrapassados para que a clinica surgisse numa pequena manchete de jornal com o possível título “A Clinica Fresenius de Évora é amiga do ambiente porque plantou 5 árvores”. Mais uma vez, esta atitude demonstra a falta de consideração pelo trabalho



Fig.85. Vista sobre o canteiro após a execução . Fonte: AJS



Fig.86. Pormenor . Fonte: AJS

do Arquiteto Paisagista, ao olhar a nossa intervenção como um simples arranjo para embelezar o espaço, onde se podem plantar mais cinco árvores, neste e naquele sitio porque “fica bem na foto”, esquecendo-se que existe todo um conceito e trabalho por trás de um projeto.



Fig.87. Pormenor da tipologia de vegetação vermelha e verde . Fonte: AJS



Fig.88. Pormenor da tipologia de vegetação glauca e verde . Fonte: AJS



3.8 . PROJETO
DE ARQUITETURA
PAISAGISTA
. MONTE DO PRATES
MONTEMOR-O-NOVO

Fig.89. Pormenor do alcance visual sobre o castelo de Montemor-o-Novo . Fonte: AJS

3.8 . PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA PARA O MONTE DO PRATES . MONTEMOR-O-NOVO

3.8.1 . ANÁLISE

A propriedade localiza-se no concelho de Montemor-o-Novo, na localidade de Couvela de S. Mateus, a Este da Estrada Nacional 2, numa zona caracterizada pela dominância de pequenas quintas.

Encontra-se inserida numa paisagem cultural bastante rica, composta por um suave ondulado com grandes manchas de montado de sobre e azinho a Este, fazendo ligação com a Serra do Monfurado, por pastagens, pequenas vinhas e pomares, compartimentadas pela vegetação das galerias ripícolas e por sebes nos limites das propriedades.

A quinta tem uma área aproximada de 18 ha, e situa-se numa encosta suave com inclinação Este / Oeste, onde se destaca a extensa amplitude visual e as vistas sobre a silhueta do castelo de Montemor-o-Novo.

Esta propriedade de “fim de semana” é composta por dois edifícios - a habitação principal e a casa de máquinas com estacionamento coberto - e por um pequeno tanque de rega e uma piscina. A quinta apresenta um grande portão junto ao caminho rural de acesso à propriedade, que demarca a sua entrada principal, e é limitada por vedações de rede metálica nos restantes limites.

Os edifícios são construções recentes, tendo sido destruído por completo o antigo edifício para a sua construção. É uma construção desinteressante que imita a arquitetura tradicional alentejana (fig.91/92), acompanhada por uma piscina completamente desproporcional que ocupa a zona central do espaço (12m x 6.5m), servida por uma zona de apoio pavimentada com 18m x 12m (fig.93). Por se localizar numa encosta, a construção da piscina levou à criação de um talude extremamente artificial que tenta dissimular a entrada para a casa das máquinas que se encontra sob a mesma.



Fig.90. Vista aérea sobre o Monte do Prates . Fonte: Bing Maps

Foi projetada pela arquitetura uma “moldura” em calçada irregular de mármore com 2.10m de largura que contorna o edificado assegurando a circulação em torno da habitação.

Na propriedade nota-se a existência de um pomar recentemente instalado, a Sul da habitação, um *Fraxinus angustifolia* que assume uma posição bastante destacada junto à habitação, um alinhamento de seis *Fraxinus angustifolia* a Norte da habitação e uma cortina de vegetação ripícola que percorre todo o limite Norte da propriedade. No limite Oeste, junto ao tanque de rega existente, podemos também encontrar um maciço de *Populus alba* e *Fraxinus angustifolia* que criam uma atmosfera mais fresca, recatada e sombria (fig.94).

A propriedade une-se à propriedade vizinha, a Oeste, por uma ampla clareira limitada por vegetação arbórea. Esta é pontuada no centro por um *Fraxinus angustifolia* criando um fundo cénico bastante invulgar.

Os limites Norte, Oeste e Sul, já sofreram algumas plantações bastante densas de *Prunus cerasifera* cv. *Pissardii*, *Liquidambar orientalis*, *Robinia pseudoacacia*, por parte do cliente, introduzindo elementos extremamente descaracterizantes neste lugar.

3.8.2 . CONDICIONANTES E BREVE DESCRIÇÃO

Eram vários os desejos inicialmente apresentados pelos proprietários, nomeadamente:

- . Proposta que articule as diferentes estruturas edificadas (habitação, anexo e piscina);

- . Criação de uma ampla área de receção que suporte o uso pedonal e automóvel;

- . Desenho de áreas de estadia, lazer e enquadramento;

- . Uso de espécies aromáticas na frente principal da habitação e junto à piscina;



Fig.91. Alçado frontal da habitação . Fonte: AJS



Fig.92. Pérgola e alpendre no alçado posterior da habitação . Fonte: AJS



Fig.93. Imposição da piscina na paisagem . Fonte: AJS

. Criação de zona mais amena e recatada junto à habitação;

. Implantação de um relvado entre a casa e a piscina.

De acordo com os desejos dos proprietários e o caráter singular deste lugar, foi desenvolvida uma proposta que procura tirar partido da situação de dominância visual da habitação sobre a envolvente. No espaço é o notório o contraste entre as componentes cultural e natural, onde a obra do Homem se apresenta imposta à Natureza.

Este contraste, característico do lugar, torna-se assim o conceito base do projeto, onde a organicidade do desenho das plantações contrasta com a rigidez dos elementos construídos, numa lógica de equilíbrio entre estas realidades (**Richardson**, 2008).

3.8.3 . DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O primeiro contacto por parte do cliente foi realizado há cerca de um ano, tendo sido feita nesta data a primeira visita ao espaço e a análise da situação existente, por parte da Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern e do Gerente Pedro Duarte. Por razões pessoais, o proprietário pediu o adiamento da fase de estudo prévio até ordem contrária, tendo voltado a contactar a empresa este ano para que se desse continuidade à proposta.

Após uma explicação detalhada da situação existente, das solicitações dos proprietários e da proposta por parte da Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern, colaborei com a própria no desenvolvimento do estudo prévio e na escolha da vegetação e dos pavimentos, tendo-me sido atribuída a função de desenvolver o plano de drenagem, informatizar o plano topográfico através das cotas levantadas e realizar alguns cortes e perspetivas representativas das soluções adotadas.

Como já foi referido, é notório neste espaço o confronto – Cultura versus Natura, tornando-se este contraste o conceito base do projeto.

De acordo com o desejo do proprietário foi criada uma ampla área de receção em



Fig.94. Tanque da propriedade . Fonte: AJS



Fig.95. Plano geral . Fonte: AJS, adaptado por VL

saibro que suporte o uso pedonal e automóvel, que se inicia no caminho de acesso à propriedade e termina junto à estrutura de ensombramento do estacionamento. Esta assume uma forma orgânica adaptada à morfologia do terreno e, pela sua dimensão, suporta diversos usos. Ligado a esta área de receção é proposto um caminho informal de formas curvilíneas com 0.80m de largura, criando um percurso solto da habitação que contorna o freixo destacado perto desta, terminando junto ao tanque de rega.

Uma vez que as escolhas tomadas pela arquitetura já são extremamente marcantes e impostas neste lugar, optou-se pela criação de bases retangulares revestidas a calçada irregular de mármore, que aparecem como pequenos fragmentos dispersos deste material pré-existente na construção. Foi adotada esta solução para que, por um lado se entrasse em concordância com o material usado na envolvente da habitação, e por outro houvesse menor impacte visual (pela redução da área ocupada) e menor impermeabilização de superfície.

Assim a articulação entre os diferentes elementos construídos é feita através destes elementos em forma retangular, com medidas variáveis e a orientação do edificado. Estes apresentam um espaçamento de 0.25m entre bases e encontram-se desalinhados, para que nos pontos onde o desalinhamento é mais marcado, apontem para determinadas vistas ou incentivem determinados usos de espaço.

A vegetação desenvolve-se de forma fluida refletindo o “Natural”, ligando espaços e criando diferentes ambiências. Em certos pontos a vegetação “desprende-se” do espaço chamando a atenção para vistas específicas de elevado valor cénico (ex. castelo de Montemor-o-Novo). Foram propostos quatro tipos de vegetação: a aromática de tons glaucos com pequeno e médio porte, e, a aromática de tons verdes com pequeno e médio porte, as gramíneas de pequeno e médio porte e a persistente de tom verde lustroso de pequeno a grande porte (**Moreira, 2008**).

A vegetação aromática de tons glaucos e verdes encontra-se junto à zona de receção da habitação e junto à piscina (fig.98/99/103), as gramíneas, por serem espécies



Fig.96. Perspetiva da solução de acesso à zona da pérgola. Fonte: AJS



Fig.97. Perspetiva representativa do caminho que percorre o lado Sul da habitação . Fonte: AJS

capazes de expressar a passagem do tempo e de captar as ações dos elementos naturais (luz, vento, etc.), encontram-se na envoltória do relvado e da piscina, tendo a função de criar uma certa continuidade entre esta vegetação e a pastagem envolvente à proposta e de atenuar o impacto que estes apresentam quando vistos do exterior da propriedade (fig.104/105/106). Por fim o tipo persistente de tom verde lustroso encontra-se junto à zona de maior uso da habitação, tirando algum protagonismo à monumentalidade do edificado e criando uma ambiência diferente do restante espaço, mais fresco e sombrio no verão, mudando o microclima na envoltória direta da habitação (fig.96/97/102).

Após a minha colaboração com a Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern no desenvolvimento do estudo prévio (anexo.22), foi-me atribuída a tarefa de desenvolver algumas perspetivas representativas da proposta.

Aquando da conclusão das perspetivas e do plano geral, seguiu-se o encontro com o cliente, resultando na aceitação da proposta. De seguida, tal como é regra no atelier, iniciou-se a elaboração do plano final e do projeto de execução, onde me atribuíram a função de desenvolver o plano de drenagem (anexo.26), informatizar o plano topográfico através das cotas levantadas (anexo.25) e realizar alguns cortes representativos das soluções adotadas para a área de receção em saibro (anexo.24). Colaborei também na elaboração do plano de plantação (anexo.23) e do plano de implantação das bases revestidas a calçada irregular de mármore (Zimmerman, 2007). As restantes peças foram desenvolvidas pela Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern sendo que a minha colaboração foi pontual.

Com a finalização das peças técnicas, procedeu-se então ao contacto com as diferentes especialidades que executariam o projeto e deu-se início à obra.

Mais uma vez tive a oportunidade de assistir a todas as fases e processos presentes e de desempenhar diferentes funções já experienciadas em projetos anteriormente descritos, fortalecendo mais uma vez os conhecimentos práticos adquiridos durante o presente estágio.



Fig.98. Área de receção à habitação, revestida a saibro . Fonte: AJS



Fig.99. Vegetação predominantemente autóctone de tons verdes e glaucos . Fonte: AJS



Fig.100. Bases rectangulares revestidas a calçada irregular de mármore . Fonte: AJS

Assim como nas obras anteriormente descritas, decidi que as minhas funções não se deveriam restringir apenas ao acompanhamento e coordenação da obra, permitindo a minha participação no terreno nas marcações do desenho da intervenção e dos perímetros de segurança das espécies a proteger, seguidas pelos trabalhos de abertura de valas e instalação dos geodrenos e tubagens principais do sistema de rega, descarregamento de terras e regularização do solo, onde pude colaborar com a Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern na sua coordenação.

De seguida, demarqueei em conjunto com a Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern os limites e as cotas finais do pavimento em saibro e das lajes, onde posteriormente coordenámos os trabalhos de escavação.

Após a construção das áreas pavimentadas, tive a oportunidade de fazer a marcação das áreas de plantação, de assistir ao melhoramento do solo para a posterior plantação, e à instalação do sistema de rega na área do relvado e nas áreas de plantação.

Com o sistema de rega montado, procedeu-se a colocação do tapete de relva, onde tive a oportunidade de aprender a técnica de colocação e de pôr em prática o que tinha aprendido. Participei também na receção e confirmação da vegetação proveniente do viveiro e na sua distribuição de acordo com o plano de plantação. A plantação das espécies arbóreas foi agendada para o outono, devido ao risco de perda com as temperaturas extremamente elevadas do verão.

Por fim, com o terminar das plantações seguiu-se a colocação de 0.07m de mulch em estilha de sobreiro nas áreas de plantação, de forma a controlar as espécies infestantes nos primeiros anos de crescimento das espécies plantadas. Com a escolha deste tipo de mulch tentou-se respeitar as texturas, tons e materialidades desta paisagem dominada por sobreiros, onde a casca de pinheiro seria extremamente perturbante.

Visto que a realização da obra coincidiu com o verão, por pedido do proprietário,



Fig.101. Pormenor do percurso de ligação ao tanque . Fonte: AJS



Fig.102. Solução de ligação entre o percurso Sul, a pérgola e o relvado . Fonte: AJS



Fig.103. Ligação entre a piscina, o Percurso Sul e o tanque . Fonte: AJS

houve a necessidade de levar a cabo algumas replantações de espécies que não resistiram às temperaturas extremas.

Após a finalização da obra segue-se a monitorização da vegetação, onde infelizmente, tal como na obra anteriormente descrita na pág. 47 - “3.7 . Projeto de Arquitetura Paisagista para a Clínica Fresenius . Évora”, por ter sido o último projeto executado no estágio, não tive a oportunidade de presenciar o seu visível crescimento.

3.8.4 . REFLEXÃO PESSOAL

Este foi o último projeto em que tive a oportunidade de colaborar com o *Atelier Jardins do Sul*, o que fez com que depositasse nele todo o saber apreendido durante o meu percurso académico e nestes nove meses de estágio. Este projeto foi bastante relevante para a minha formação, especialmente ao nível prático, uma vez que tive a oportunidade de assistir e intervir em todas as fases de obra.

Com a finalização deste projeto, compreendi que é possível plantar durante praticamente todo o ano no Alentejo. Tive como experiências a obra do “3.1 . Projeto de Arquitetura Paisagista para a Quinta Família Lavado . Santiago do Escoural” descrita na pág. 8, que foi executada no inverno. O principal fator de preocupação aqui eram as fortes geadas que ocorrem em Santiago do Escoural nesta época mas, apesar da sua frequente ocorrência após a plantação, não ocorreram quaisquer danos na maioria das plantações. O outro extremo foi a presente obra descrita neste capítulo, em que as temperaturas chegaram a rondar os 40°C durante e após a plantação, onde notámos que desde que haja uma boa rega nas primeiras semanas de plantação as espécies prosperam. Apenas houve a necessidade de substituir alguns exemplares que não resistiram devido a uma imperfeição na afinação da rega de um dos setores.

Mais uma vez destaco a extrema importância do projetista, como criador do projeto, estar sempre presente na obra e em permanente contacto com as diferentes especialidades para que não hajam erros por parte dos colaboradores.



Fig.104. Ligação entre a habitação e a piscina . Fonte: AJS



Fig.105. Diálogo entre as gramíneas propostas e a pastagem . Fonte: AJS

Tive também a oportunidade de trabalhar mais intensamente com espécies gramíneas, e de compreender qual o papel que estas poderão ter no jardim, como elementos que produzem sons e captam a luz e o movimento, criando uma dinâmica especial na sua composição, para além de serem das espécies que melhor expressam a passagem do tempo. Em Portugal o uso das gramíneas ainda é muito limitado, e noto que existe ainda uma certa repulsa quanto a estas espécies por serem vistas como “ervas do campo”.

Este foi um cliente bastante aberto às sugestões dadas pelo atelier para o jardim e com uma sensibilidade diferente para com a paisagem mas, apesar deste facto, notei que a arquitetura proposta estava presa aos clichés da “casa de campo”, onde, apesar desta ser uma construção de raiz (onde se ignoraram e demoliram por completo as pré-existências), houve a necessidade de imitar aquilo que se fazia. Existem mil e uma formas de fazer arquitetura e a imitação inadaptada à contemporaneidade não deveria fazer parte delas. Não seria mais interessante aliar a arquitetura característica de uma região, que faz parte da sua história, com o que é dos nossos dias? Para mim faz toda a lógica optar por uma mistura entre passado e presente que reflete o que somos sem esquecer o que fomos.



Fig.106. Vista sobre a proposta . Fonte: AJS

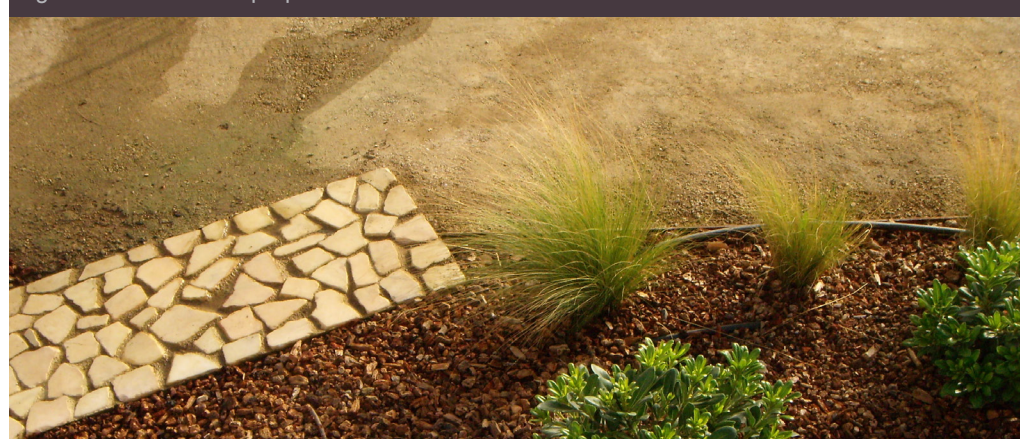


Fig.107. Pormenor do contraste de tons . Fonte: AJS



Fig.108. Pormenor das diferentes materialidades . Fonte: AJS

4 . OUTRAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

4 . OUTRAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Durante esta experiência tive a oportunidade de participar noutras atividades igualmente importantes, e noutros projetos em que o meu grau de envolvimento foi mais superficial, não apresentando material suficiente para a sua pormenorização, entre os quais: o “Projeto de Arquitetura Paisagista para a zona Noroeste da Quinta Imme van der Berg”, “Projeto de Arquitetura Paisagista para o pátio interior da Albergaria do Calvário” e o “Projeto de Arquitetura Paisagista para a Quinta do Gerês”.

O “projeto de Arquitetura Paisagista para a zona Noroeste da Quinta Imme van der Berg”, foi desenvolvido pela Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern, sendo que a minha participação se baseou apenas num levantamento para a implementação do sistema de rega.

Quanto ao “Projeto de Arquitetura Paisagista para o pátio interior da Albergaria do Calvário”, tive oportunidade de ir ao local acompanhado pela Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern para fazer o levantamento do pátio interior e do respetivo sistema de drenagem e uma análise do estado fitossanitário das espécies presentes no local. Posteriormente colaborei com a Arquiteta Paisagista na elaboração de uma proposta de estudo prévio e na realização de algumas perspetivas representativas da proposta com recurso ao software Photoshop. Aquando do desenvolvimento do estudo prévio e das perspetivas, o cliente desistiu do projeto levando ao interromper dos trabalhos em curso.

O “Projeto de Arquitetura Paisagista para a Quinta do Gerês”, foi um dos primeiros projetos em que tive oportunidade de colaborar com a Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern. O cliente enviou a planta de implantação e o levantamento topográfico da sua propriedade e pedia uma resposta rápida ao seu desafio, conduzindo-nos à elaboração uma proposta esquemática de estudo prévio que seria posteriormente desenvolvida após a aprovação por parte do cliente. A proposta seguiu para o cliente acompanhada de uma memória descritiva, mas o atelier não obteve qualquer resposta.

Desempenhei, quando necessário, tarefas relacionadas com pesquisa de viveiros e empresas de materiais e técnicas de construção, no qual destaco uma visita à Expo Salão Batalha, onde estabeleci contactos com fornecedores e reuni catálogos de várias empresas para o complemento da biblioteca de materiais do atelier.

Desenvolvi, a pedido do atelier, um estudo de mercado tendo como área principal de análise a zona do Parque das Nações, em Lisboa. O estudo tinha como foco as varandas e os terraços urbanos, fazendo com que me deslocasse até ao local em questão para fazer um levantamento fotográfico e uma descrição da situação atual. Este levantamento permitiu-me elaborar um documento escrito onde se caracterizam as tipologias de varandas presentes na zona, qual a dominância das tipologias, a forma como são exploradas e qual o seu papel como refúgio da vida urbana. Este estudo levou a que tivesse que pesquisar materiais leves e reversíveis e estimulou a minha criatividade para criar soluções que se transformam consoante o uso destes pequenos espaços.

Em várias ocasiões também pude ter momentos livres onde lia vários livros de arquitetura paisagista e arquitetura, discutia, trocava ideias e refletia sobre vários assuntos do panorama atual da nossa área com os meus colegas, contribuindo indiretamente para a consolidação acadêmica e diretamente para o meu crescimento cultural.

Qualquer uma destas atividades desenvolvidas teve bastante importância, seja por terem contribuído para a estimulação da minha capacidade de comunicação formal, consolidação dos meus conhecimentos acadêmicos e apreensão de novos conhecimentos profissionais, seja por me terem alertado para a falta de consideração tida por parte de alguns clientes pelo trabalho que requerem e posteriormente abandonam.



5 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo espelha aquilo que foi a minha experiência neste estágio expondo, resumidamente, como este influenciou a minha aprendizagem pessoal e profissional refletindo, igualmente, sobre esta experiência, a minha formação académica e o contexto social que me rodeou nestes nove meses.

O estágio é um momento de fundamental importância no processo de formação profissional. Constitui-se como uma experiência que me possibilitou aplicar a teoria apreendida em todas as disciplinas frequentadas durante o meu percurso académico, interligando-as e dando-lhes uma unidade aplicada na prática do mundo profissional. Toda a teoria apreendida aparece assim como uma ferramenta essencial para a consolidação da prática e, esta, como ferramenta essencial para o complementar das bases teóricas.

Ter optado por uma duração de nove meses de estágio possibilitou que entrasse a fundo na filosofia e lógica de trabalho do atelier permitindo que consolidasse os meus conhecimentos e refletisse sobre as condicionantes e problemáticas que envolvem a nossa profissão.

A localização do *Atelier Jardins do Sul*, o permanente contacto com a paisagem da Serra de Monfurado e com a predominante filosofia do meio rural, concedeu-me a compreensão e inspiração necessárias para projetar nesta realidade e tempo para refletir sobre a posição do Arquiteto Paisagista enquanto elemento fundamental na mudança de atitude para com a paisagem.

Neste contexto notei uma visão extremamente utilitária da paisagem, uma visão apenas produtiva, tanto por parte de certos clientes, como por parte de algumas pessoas que tive a oportunidade de conhecer durante este percurso. Uma visão que põe de lado todas as outras componentes essenciais para uma paisagem multifuncional em equilíbrio - ecológica, estética e cultural. Constroem-se barracões aproveitando tudo o que está ao alcance, usam-se as ribeiras como contentores de lixo, constrói-se ilegalmente nos leitos de cheia, fazem-se construções descaracterizantes da nossa cultura arquitetónica, entre muitas outras irracionalidades.

É impressionante o poder narrativo da paisagem e triste a história que por vezes ela conta.

Como é possível que num país onde todos os saberes apreendidos com a experiência prática de centenas (até mesmo milhares) de anos e que se refletiram em centros históricos compactos, coesos, racionais e numa paisagem rural cuidada e complexa, espelhos da nossa cultura, ter-se esquecido, nos últimos tempos, de grande parte do seu saber?

Em cerca de seis décadas, o nosso país passou de uma sociedade fundamentalmente rural a uma sociedade predominantemente urbana, conduzindo à extrema alteração da organização social, cultural e económica. Os explosivos movimentos de concentração da população e atividades no litoral, o consequente abandonar dos povoamentos rurais (em especial do interior), e a popularização de Portugal como destino turístico de massas, acompanhados pela débil orientação

de ordenamento do território por parte do estado, guiaram ao crescimento desordenado de extensas manchas suburbanas junto às grandes cidades litorais, degradando os nossos recursos, descaracterizando a nossa paisagem, e contribuindo para a perda da relação e compreensão entre esta e os que nela habitam.

Enquanto Arquitetos Paisagistas temos o dever de incentivar o respeito e o valor pela paisagem na sua complexidade, facto que se torna difícil quando nos encontramos num país onde a sua cultura parece ter-se perdido. Mas esta experiencia permitiu-me entender que nada é impossível e que é com as pequenas coisas que se chegam às grandes mudanças. Penso que poderá ser através da construção de um jardim privado e do amor e sentimento de pertença que se desperta nos proprietários com a sua construção que, talvez um dia, se restitua a ligação e compreensão da paisagem, perdidas.

Tanto na paisagem como no jardim não existe estaticidade. O jardim deve ser visto como um sistema de complexas relações, dinâmicas e mutações e não como costuma ser visto pela maioria, como algo que tem que ser mantido imaculadamente, onde a primeira folha que cai tem que ser imediatamente varrida, ou a primeira flor que perde as pétalas tem que ser cortada. Um jardim evolui com o tempo. É o expressar da sua passagem e é isto que deve ser entendido pela maioria para que passem a ver o jardim não como um quadro perfeito mas como um espaço de vivência, um espaço que cresce, que tem o seu ritmo e ciclos tal como nós.

Por outro lado, felicito a organização curricular do curso de Arquitetura Paisagista da Universidade de Évora, que penso ter-me oferecido uma base sólida de fundamentos teóricos e práticos preparando-me para o meu futuro profissional.

Mas, ao concluir este estágio, deparei-me com uma situação que penso ser pertinente abordar. Uma vez que a disciplina de Projeto de Arquitetura Paisagista está orientada para o ensino da arte de projetar a nível nacional, respeitando os diferentes contextos ecológicos, culturais e sociais aqui presentes, penso que também deveria orientar os alunos, para que estes adequassem as propostas ao nosso contexto económico. Compreendo o facto de não existir um limite orçamental nos projetos académicos, permitindo que o aluno explore ao máximo a sua capacidade criativa, mas penso que mesmo existindo um limite orçamental durante o ensino, a criatividade seria igualmente explorada e mais realista, resultando numa maior adaptação do aluno à realidade económica portuguesa.

Destaco e agradeço o importantíssimo papel do *Atelier Jardins do Sul* na minha introdução e formação no mundo profissional, onde ao longo de todo o estágio, a Arquitecta Paisagista Andrea Morgenstern e o Gerente Pedro Duarte tiveram o cuidado de me explicar detalhadamente, de uma forma muito transparente, todos os passos e decisões importantes na prática da arquitetura paisagista, quer sejam relacionados com os fornecedores, com a escolha das soluções técnicas e de materiais, quer com as estratégias de projeto, com as técnicas de apresentação a clientes, entre outros, transmitindo-me todos os seus conhecimentos que, no final, se revelaram bem mais importantes e fortalecedores na minha aprendizagem, do que o ato projectual de algumas intervenções levadas a cabo durante esta experiência.

Concluo assim que a experiência adquirida neste estágio comprova e fortalece a sólida formação científica e técnica oferecida durante o percurso académico. Disponibilizou-me o espaço para refletir sobre várias questões, a liberdade para ser autónomo e experimentar novas situações, o consolidar e aprofundar os meus conhecimentos, a independência para crescer enquanto pessoa e profissional e, principalmente, partilhar e aprender.

VI . REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abbs, B., **Bowe**, P. (2009) - *The Contemporary Garden*. Editora: Phaidon Press Limited.

Asensio, P. (2005) - *Garden / Garten Design*. Editora teNeus.

Bahamón, A. (2006) - *Small Private Gardens*. Editora teNeus.

Brown, L.G. (2008) - *Wasser Garten*. Editora: Kosmos

Cabral, F.C., **Telles**, G.R. (1999) - *A Árvore em Portugal*. Editora: Assírio & Alim.

Holden, R., **Liverseoge**, J. (2011) - *La Construcción en el Proyecto del Paisaje*. Editora: GG Editorial.

Moreira, J.M. (2008) - *Árvores e Arbustos em Portugal*. Editora: SIG - Sociedade Industrial Gráfica.

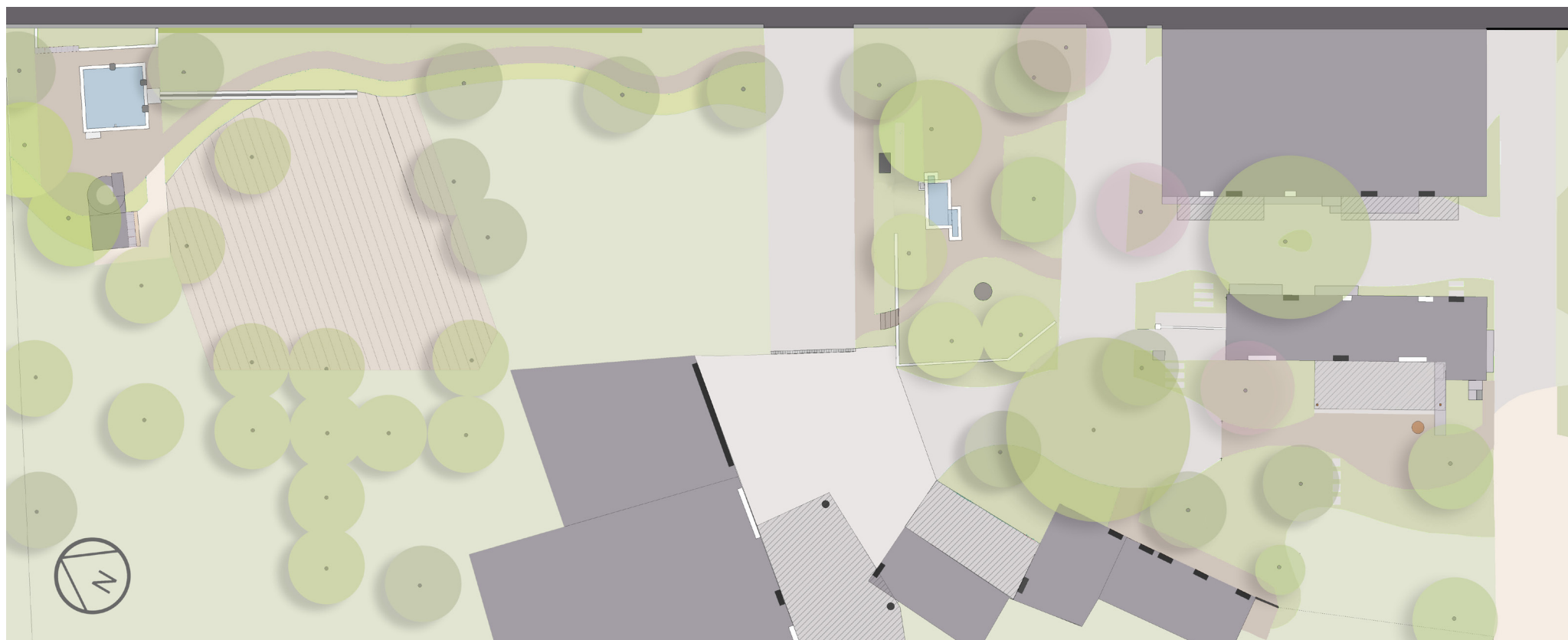
Mus, J., **McDowell**, D. (2006) - *Mediterranean Gardens*. Editora: Flammarion.

Richardson, T. (2008) - *Avant gardens*. Editora: Deutsche Verlags-Anstalt.

Vidiella, A.S. (2008) - *The Sourcebook of Contemporary Landscape Design*. Editora: COLLINS DESIGN

Zimmermann, A. (2007) - *Landschaft Konstruieren - Materialien, Techniken, Bauelemente*. Editora: Birkhauser.

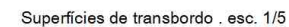




Legenda:	Calçada de granito	Vegetação herbácea e arbustiva	Vegetação arbórea
	Saibro	Prado	
	Cimento	Hortas	
	Superfície em terra batida	Muros	
	Edifícios	Elementos aquáticos	Estruturas de ensombramento

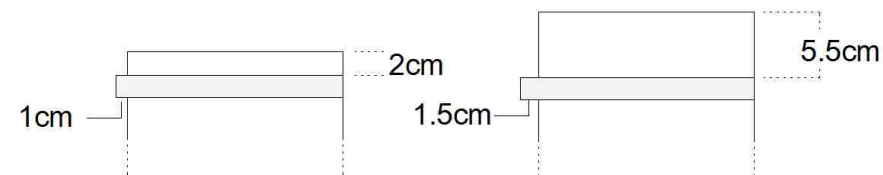
Anexo 1 . Plano geral relativo ao Projeto de Arquitetura Paisagista para a Quinta Família Lavado . Santiago do Escoural, elaborado pelo *Atelier Jardins do Sul*, adaptado por VL.

Medidas internas , esc.1/25



. Primeiro transbordo

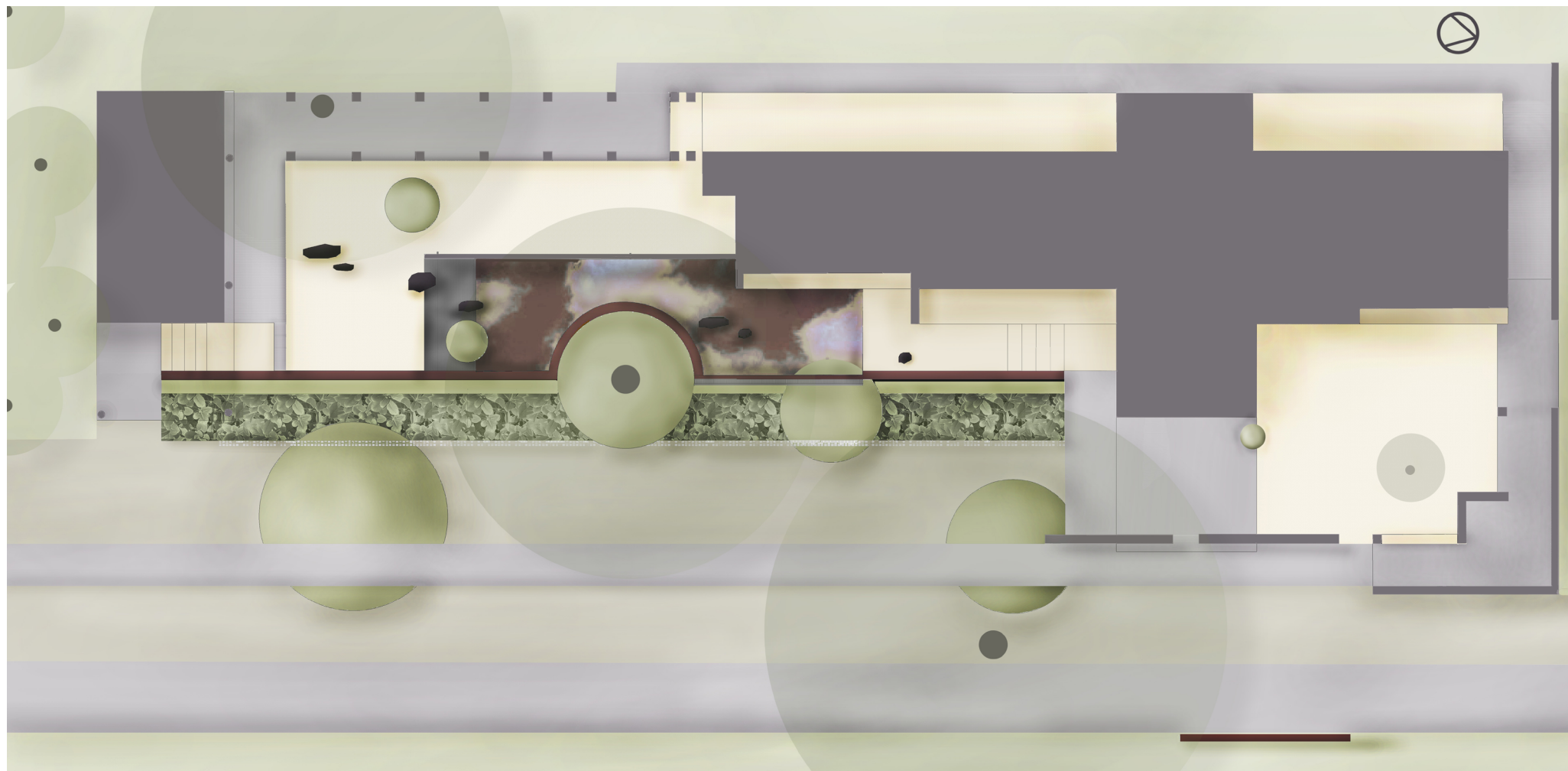
Segundo transbordo















Legenda:

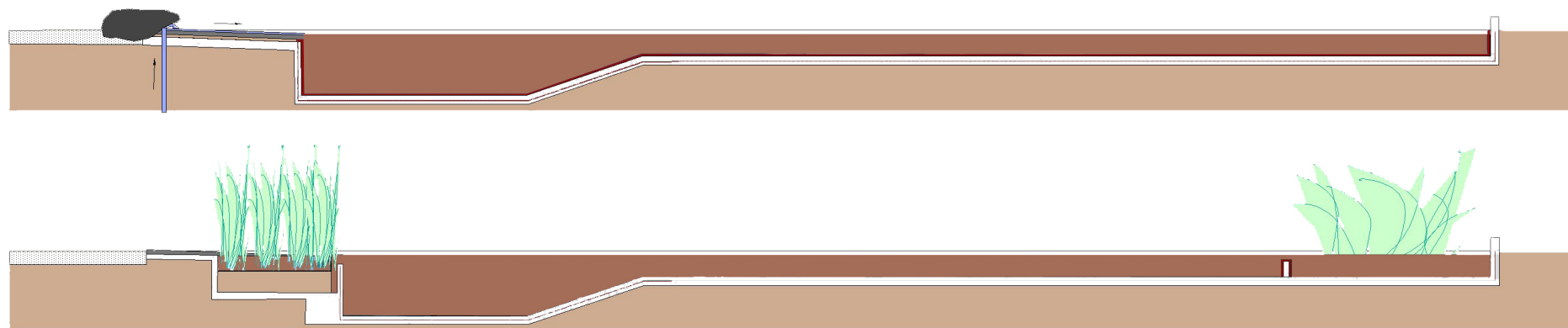
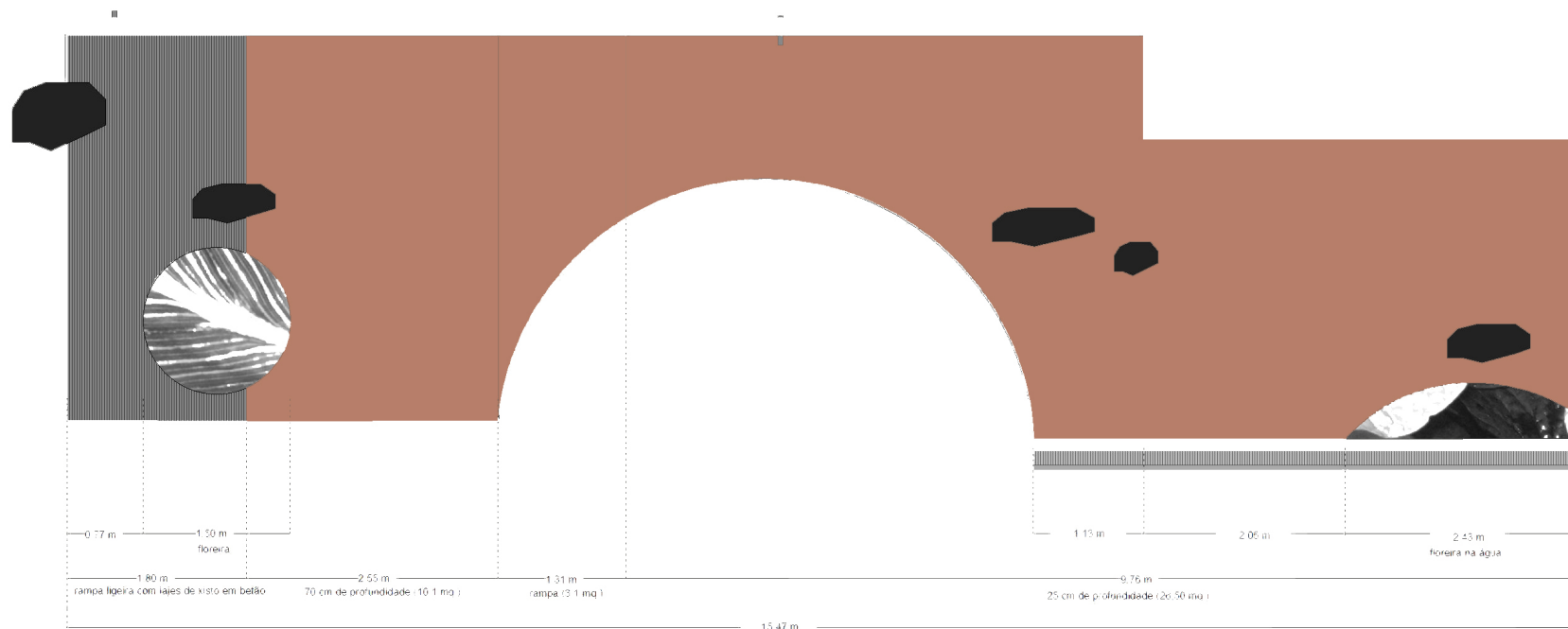
EV . Electro-válvula



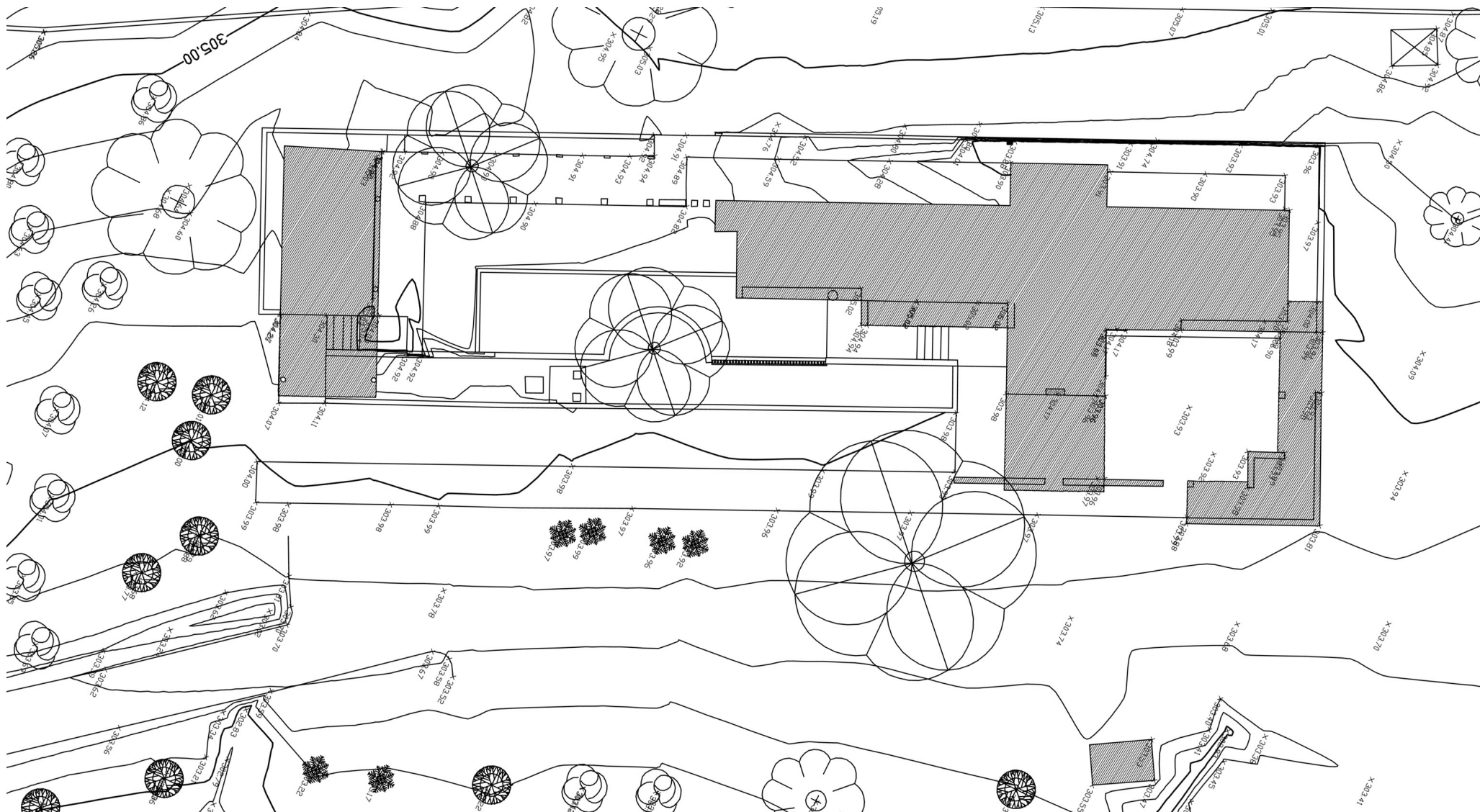


- | | | |
|--|---|--|
|  Edificado |  Trepadeiras como revestimento |  Vegetação arbórea |
|  Calçada de granito |  Vegetação Herbáceas | |
|  Gravelha de mármore |  Prado | |
|  Mistura de terra e gravelha de mármore |  Muro de xisto |  Espelho de água |
|  Lajetas de xisto |  Elementos rochosos de xisto | |

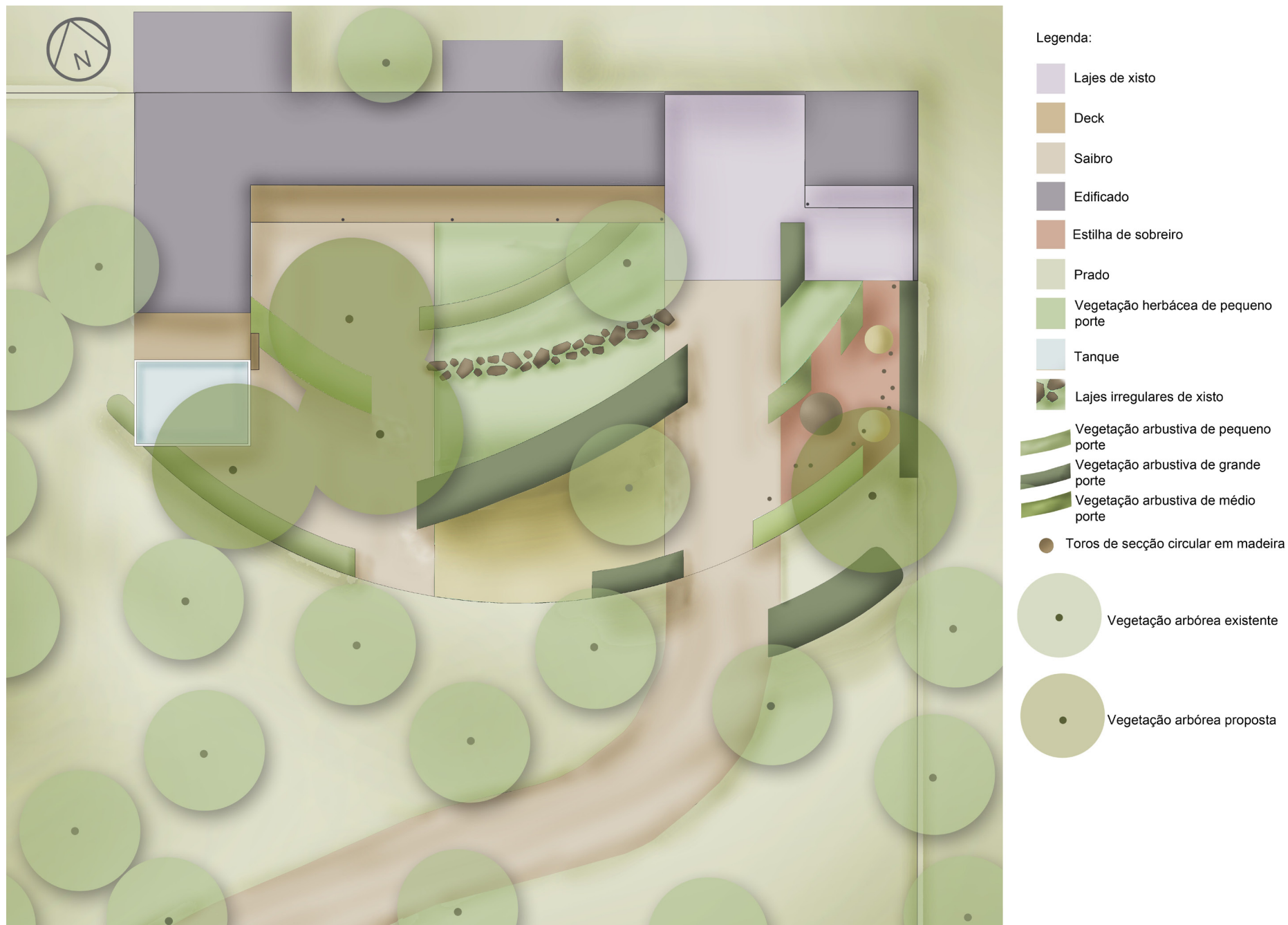
Anexo 5 . Plano geral relativo ao Projeto de Arquitetura Paisagista para a zona central da Quinta da Sobreira . Évora, elaborado pelo *Atelier Jardins do Sul*, adaptado por VL.



Anexo 6 . Cortes representativos da solução proposta para o elemento de água, elaborados pelo *Atelier Jardins do Sul*.

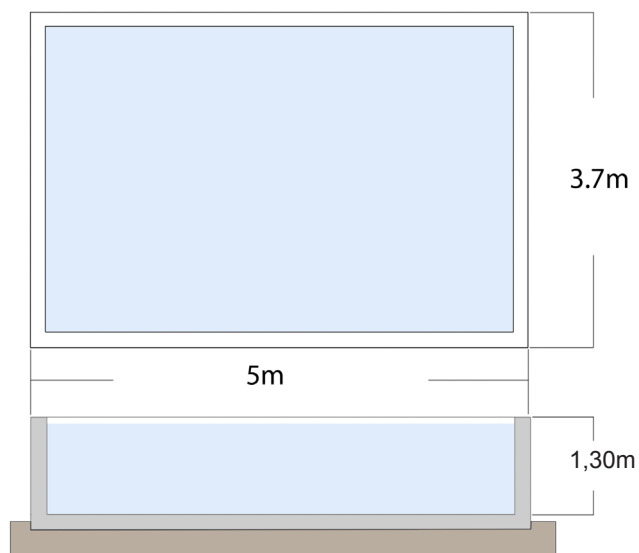


Anexo 7 . Plano topográfico fornecido pelo proprietário.



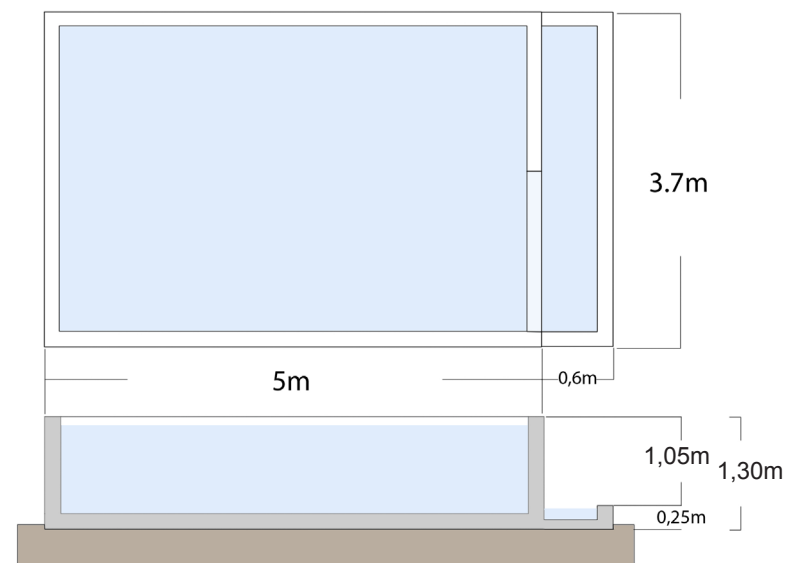
Anexo 8 . Plano geral relativo ao Projeto de Arquitetura Paisagista para a envolvente frontal da habitação da Quinta Família Godinho . Redondo, elaborado pelo *Atelier Jardins do Sul*, adaptado por VL.

Planta Elemento Aquático . Solução A

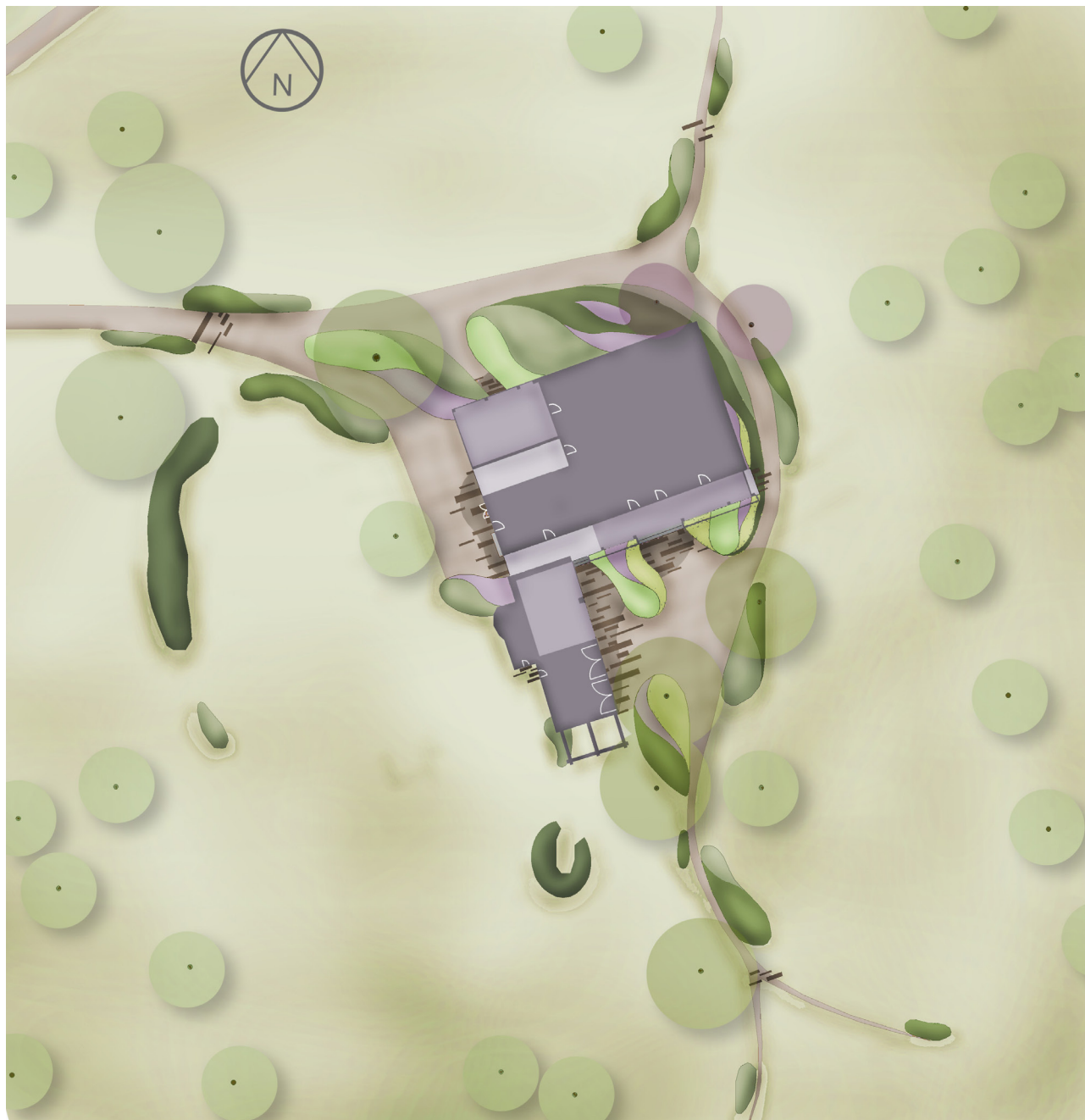


Solução A . Tanque simples








Planta Elemento Aquático . Solução B



Solução B . Tanque com zona de transbordo



Legenda:

-  Edificado
-  Saibro
-  Lajes de betão revestidas com substracto da região com revestimento de seixo de pequena granulometria entre lajes
-  Prado
-  Vegetação arbustiva e herbácea
-  *Opuntia ficus indica*
-  Vegetação arbórea















Anexo 10 . Plano geral relativo ao Projeto de Arquitetura Paisagista para a Herdade da Morgada . Moura, elaborado pelo *Atelier Jardins do Sul*, adaptado por VL.



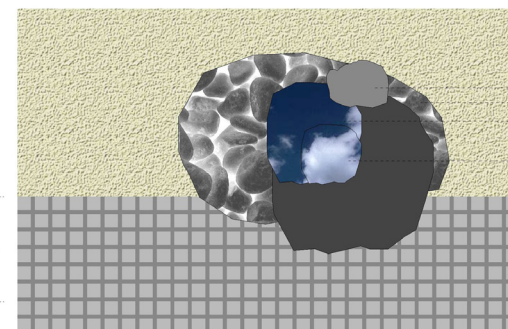
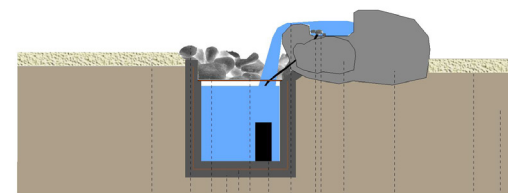
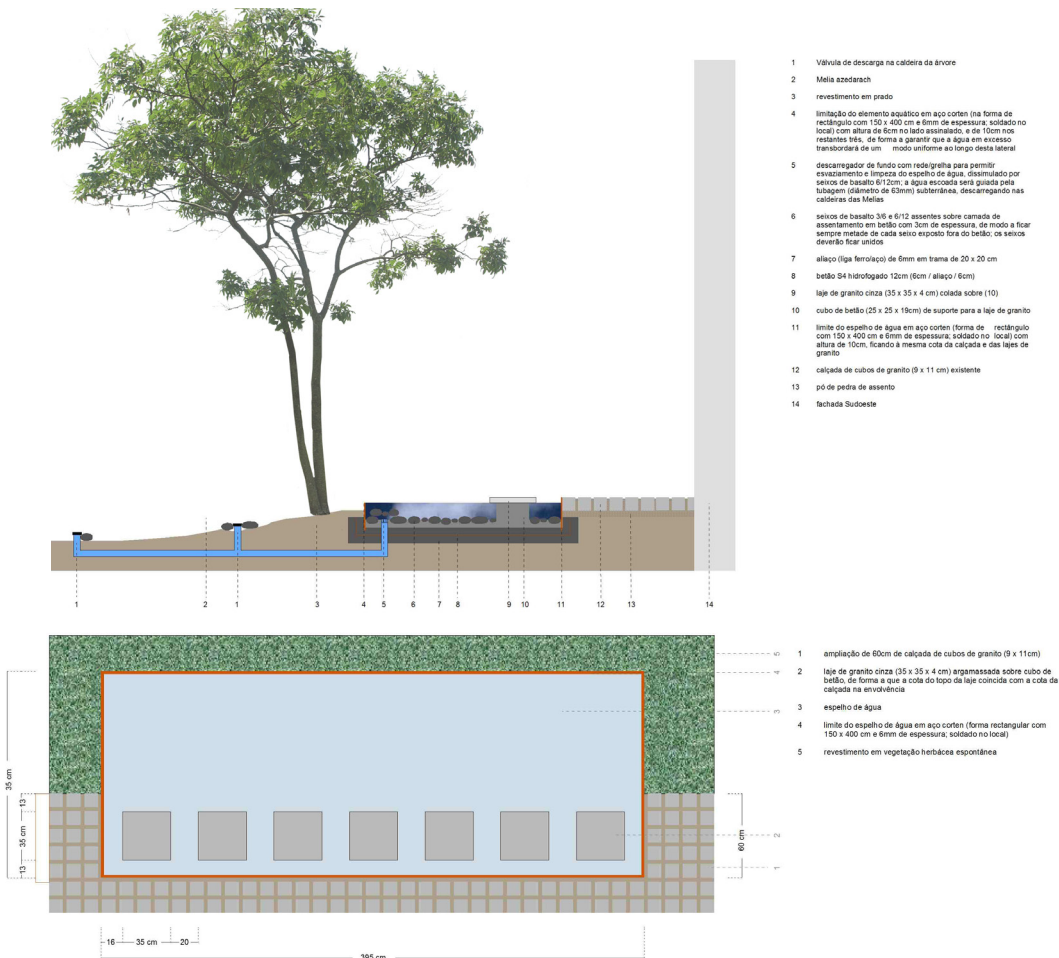
Anexo 11 . Plano topográfico fornecido pelo proprietário.



Legenda:

 Edificado	 Casca de pinheiro	 Elemento de água	 Gramíneas de médio porte
 Terra batida	 Sulipas de madeira	 Espelho de água	 Vegetação arbórea
 Calçada de granito	 Bases rectangulares revestidas a cubo de granito	 Prado de sequeiro	
 Gravelha de granito	 Elementos rochosos	 Gramíneas de pequeno porte	

Anexo 13 . Plano geral relativo ao Projeto de Arquitetura Paisagista para a envolvente da Quinta do Março . Évora, elaborado pelo *Atelier Jardins do Sul*, adaptado por VL.



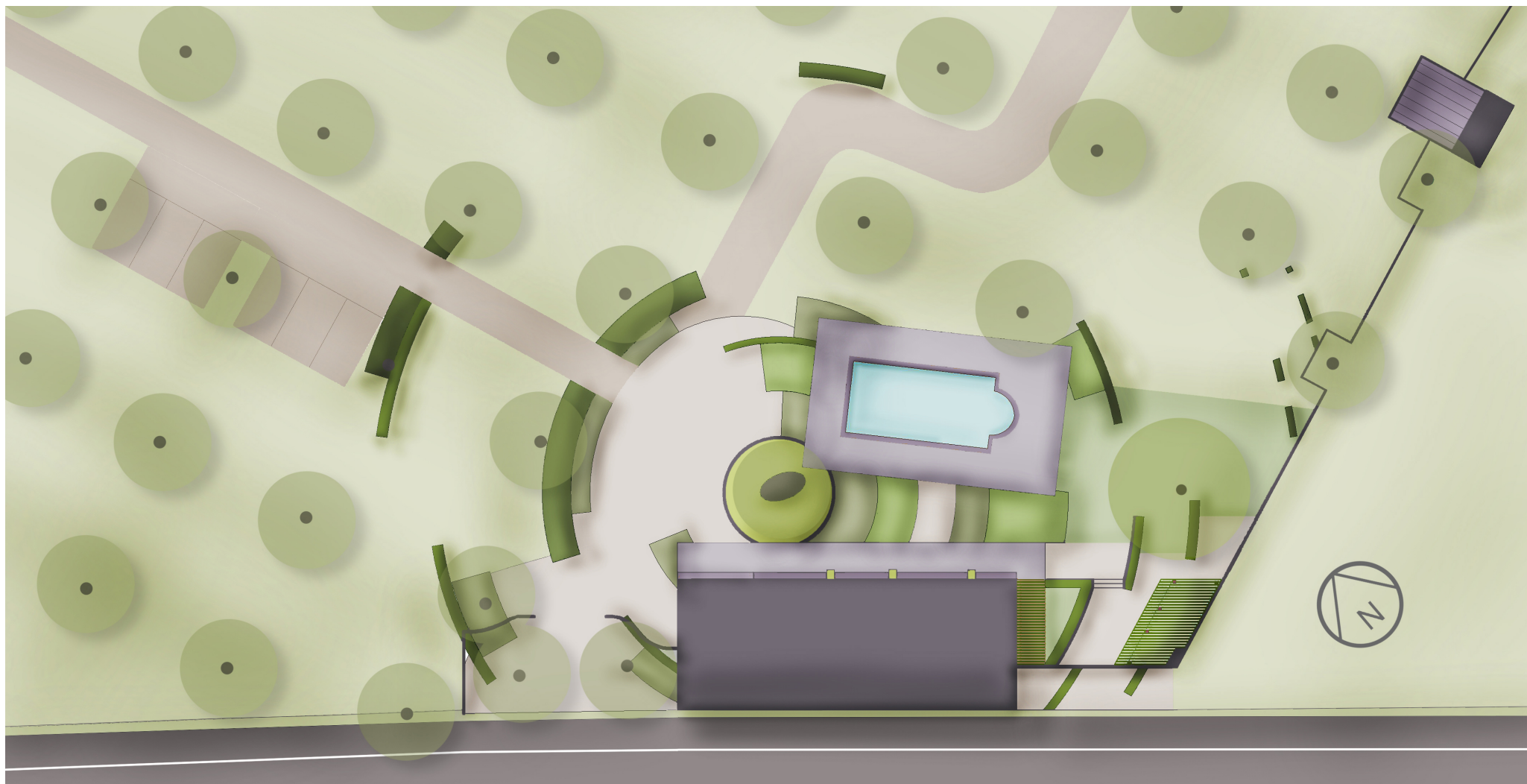
Para a construção deste elemento, foi necessária a abertura de uma caixa para o assentamento da pedra e para a construção do compartimento molhado que abriga a bomba. Após a abertura e compactação do fundo da caixa, foi feita uma camada de assentamento em areia que tem em vista uma maior estabilidade do elemento rochoso, de seguida foi feita a cofragem e o posterior enchimento em betão hidrófobo armado, para a caixa molhada com 0.65m de profundidade que abrigará a bomba. O elemento já apresentava uma perfuração, que permitia a adução de água proveniente da caixa molhada no topo escavado, preenchendo-o até que verta sobre uma extremidade da pedra de novo para a caixa molhada. Com a secagem do compartimento molhado, seguiu-se a instalação da bomba e a passagem das tubagens e cabos necessários para o seu funcionamento pelas ligações previstas. Por fim, a caixa molhada foi fechada com uma tampa em aço inoxidável e foi revestida com seixo de basálto rolado 6/12, que pela sua dimensão permite o escoamento da água para a caixa molhada sem tapar as superfícies perfuradas da sua tampa. Uma bóia e a ligação à rede asseguram um nível constante de água essencial para o bom funcionamento da bomba.

A sua construção iniciou-se na abertura de caixa e posterior enchimento da base com 0.05m de brita nº2, seguindo-se a colocação da malha-sol em aliaço (liga de ferro/aço) de 6mm com 0.20x0.20m de rede, e o seu enchimento em betão S4 hidrofogado com 0.12m de espessura. Com a criação desta base, seguiu-se a colocação e solda dos perfis em aço corten, criando o limite rectangular exterior do elemento. De seguida foi feita a cofragem para os elementos quadrangulares que servem de apoio às lajes de granito que atravessam o elemento de água, seguindo-se o seu enchimento. Após a secagem destes elementos, seguiu-se a colocação da camada de assentamento com 0.07m de espessura para o seixo de basálto rolado 6/12, levando a que restem 0.10m de profundidade do elemento de água. No final, após a secagem destes elementos, seguiu-se a colocação de uma camada de assentamento para as lajes de granito com 0.04m de espessura sobre as bases quadrangulares previamente construídas.










Anexo 15 . Peças técnicas relativas às soluções propostas para os elementos de água da Quinta do Março, elaborados pelo *Atelier Jardins do Sul*.



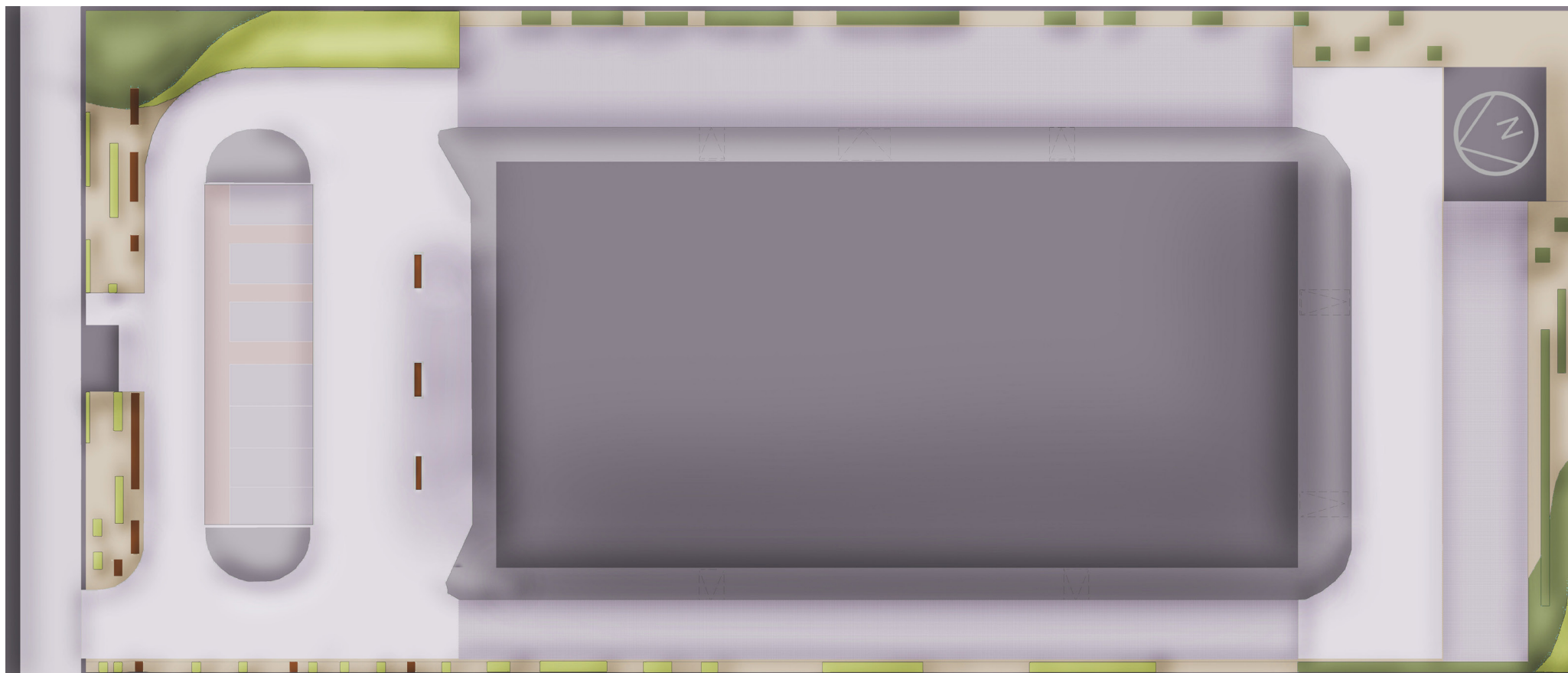
Anexo 16 . Fotografias representativas dos processos de construção do caminho em sulipas de madeira e dos elementos de água, levantamento elaborado pelo *Atelier Jardins do Sul*.



Legenda:

	Edificado		Relvado	 Vegetação arbórea
	Tijoleira de barro		Prado de sequeiro	
	Saibro		Estrutura de ensombramento	
	Superfície em terra batida		Vegetação herbácea e arbustiva com diferentes portes	

Anexo 17 . Plano geral relativo ao Projeto de Arquitetura Paisagista para a unidade de Turismo Rural Casa de Campo . Vimieiro, elaborado pelo *Atelier Jardins do Sul*, adaptado por VL.



Legenda:

	Edificado		Vegetação herbácea de tom avermelhado
	Pavê		Vegetação herbácea e arbustiva de pequeno porte de tons glaucos
	Seixo de rio		Vegetação herbácea e arbustiva de pequeno porte de tom verde

Anexo 18 . Plano geral relativo ao Projeto de Arquitetura Paisagista para a Clínica Fresenius . Évora, elaborado pelo *Atelier Jardins do Sul*, adaptado por VL.

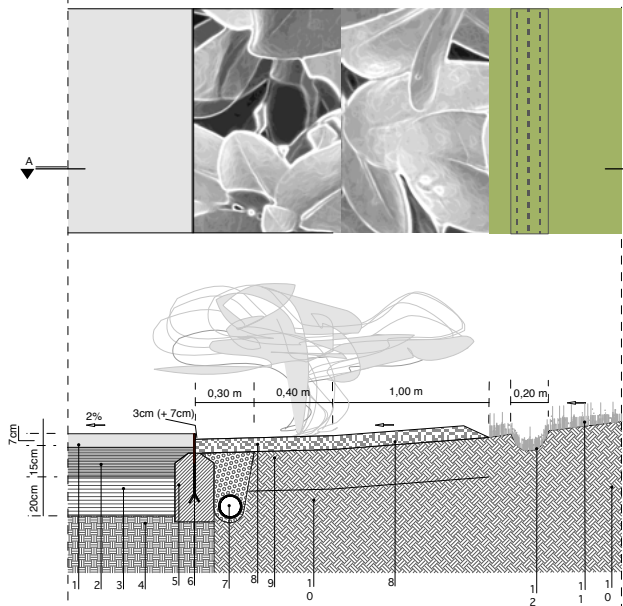


Anexo 21 . Fotografias representativas das situações anterior, durante e após a obra, levantamento elaborado pelo *Atelier Jardins do Sul*.



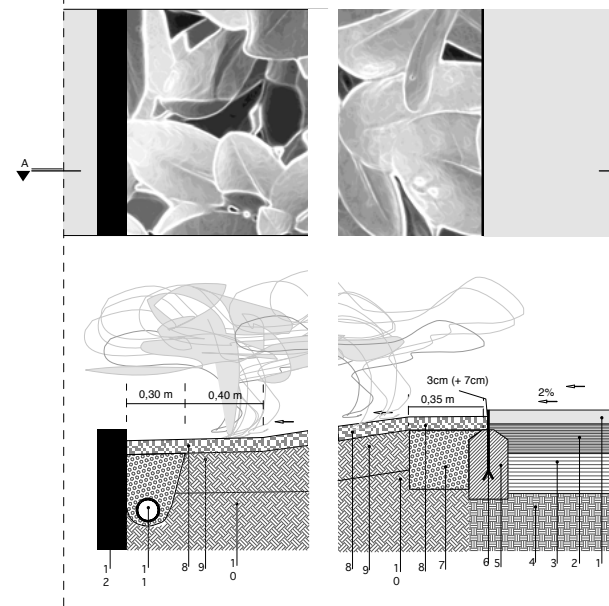
Anexo 22 . Plano geral relativo ao Projeto de Arquitetura Paisagista para o Monte do Prates . Montemor-o-Novo, elaborado pelo *Atelier Jardins do Sul*, adaptado por VL.

TRANSIÇÃO DO PAVIMENTO EM SAIBRO (CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL) - CONTENÇÃO EM CHAPA DE AÇO - VEGETAÇÃO DE AROMÁTICAS COM MULCH DE CASCA DE PINHEIRO - ENCOSTA DE PRADO COM VALETA



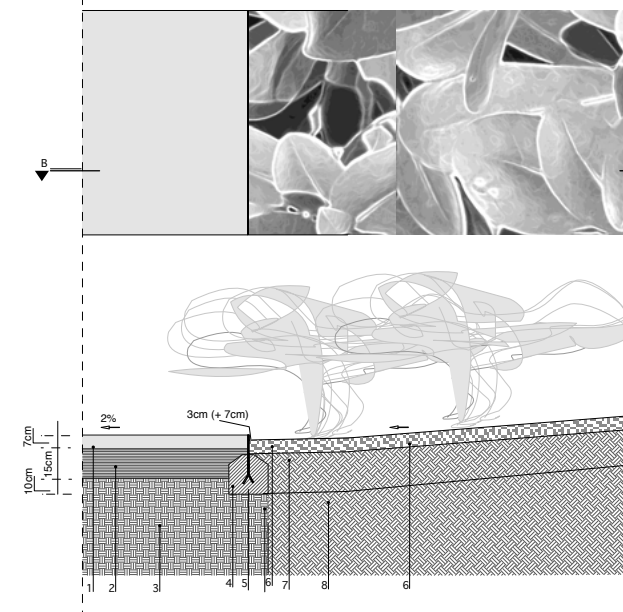
01. camada de desgaste em saibro . 7cm de espessura
02. 'camada dinâmica' em AGEB (Agregado de granulometria extensa britado = tout-venant) de 2-20mm compactado . 15cm de espessura
03. base em AGEB (Agregado de granulometria extensa britado = tout-venant) de 2-32mm compactado . 20cm de espessura
04. terreno compactado
05. fundação em betão simples
06. contenção em chapa de aço . 8mm de espessura . 35cm de altura
07. geodreno . tubo monoparede . drenagem normal . totalmente perfurado . envolvidos em geotêxtil não tecido da IBOTEC, ou equivalente DN exterior 100mm inserido em vala de brita (15-20mm) envolvido por geotêxtil (140gr) . 0,3m x 0,35m . a cota de brita é 10cm inferior à do saibro
08. mulch de casca de pinheiro . 7cm de espessura
09. mistura de composto de plantação com areia. h:20cm
10. solo existente
11. prado de sequeiro
12. valeta no terreno existente (prado) antes de área de vegetação . 20cm de largura e 10cm de profundidade

TRANSIÇÃO DO PAVIMENTO EM SAIBRO (CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL) - CONTENÇÃO EM CHAPA DE AÇO - VEGETAÇÃO DE AROMÁTICAS COM MULCH DE CASCA DE PINHEIRO - MURO E PATAMAR DA CASA

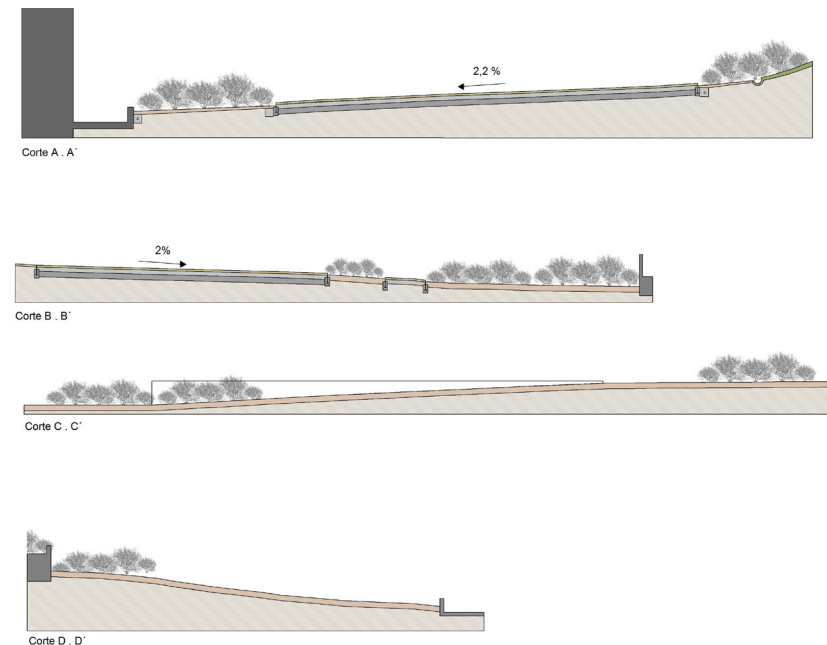


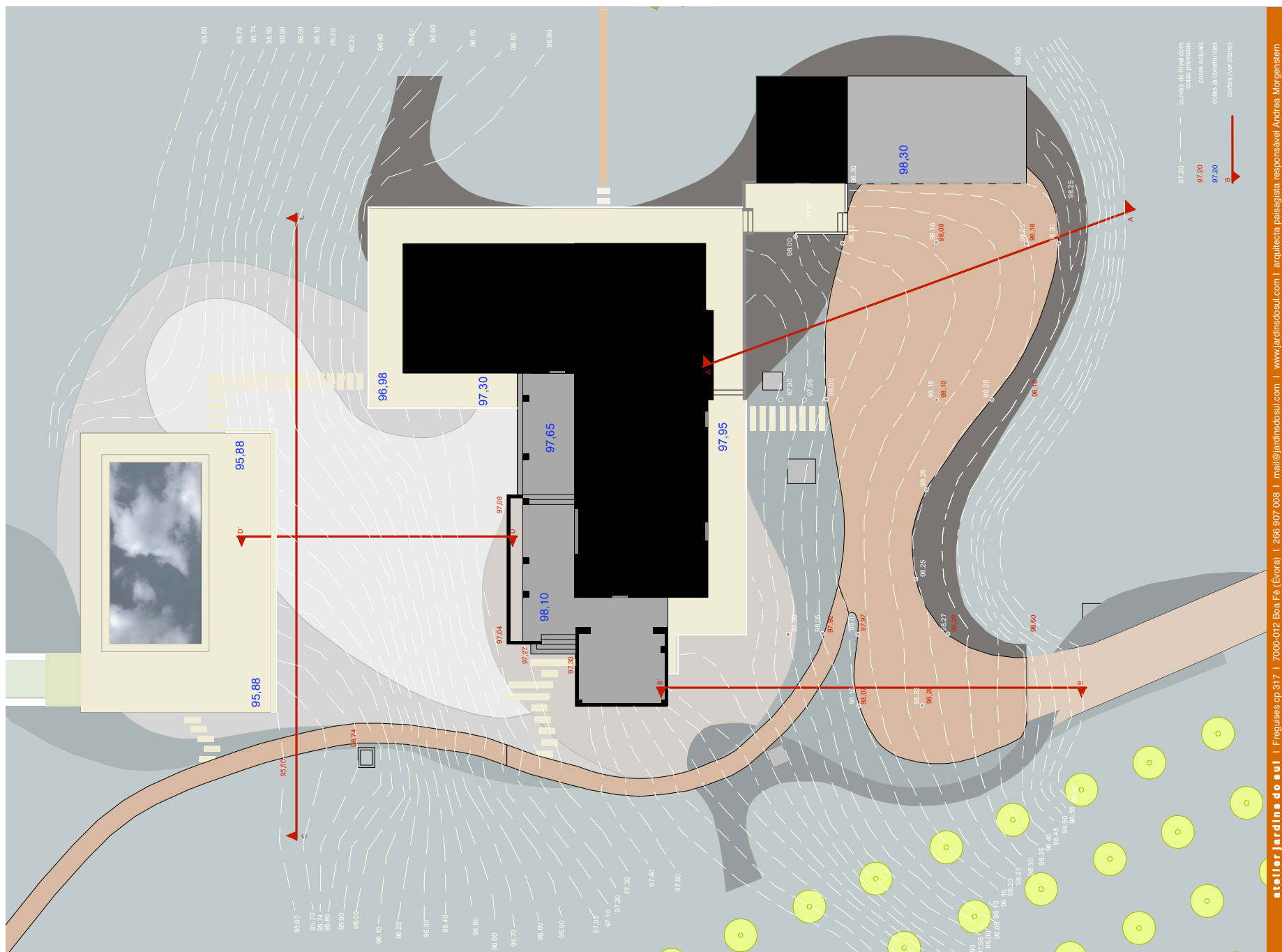
01. camada de desgaste em saibro . 7cm de espessura
02. 'camada dinâmica' em AGEB (Agregado de granulometria extensa britado = tout-venant) de 2-20mm compactado . 15cm de espessura
03. base em AGEB (Agregado de granulometria extensa britado = tout-venant) de 2-32mm compactado . 20cm de espessura
04. terreno compactado
05. fundação em betão simples
06. contenção em chapa de aço . 8mm de espessura . 35cm de altura
07. caixa de brita (15-20mm) envolvido por geotêxtil (140gr) . 0,35m x 0,30m . a cota de brita é 10cm inferior do saibro
08. mulch de casca de pinheiro . 7cm de espessura
09. mistura de composto de plantação com areia. h:20cm
10. solo existente
11. geodreno . tubo monoparede . drenagem normal . totalmente perfurado . envolvidos em geotêxtil não tecido da IBOTEC, ou equivalente . DN exterior 100mm inserido em vala de brita (15-20mm) envolvido por geotêxtil (140gr) . 0,3m x 0,35m . a cota de brita é 10cm inferior à do saibro
12. muro de suporte

TRANSIÇÃO DO PAVIMENTO EM SAIBRO (CIRCULAÇÃO PEDONAL) - CONTENÇÃO EM CHAPA DE AÇO - VEGETAÇÃO DE AROMÁTICAS COM MULCH DE CASCA DE PINHEIRO

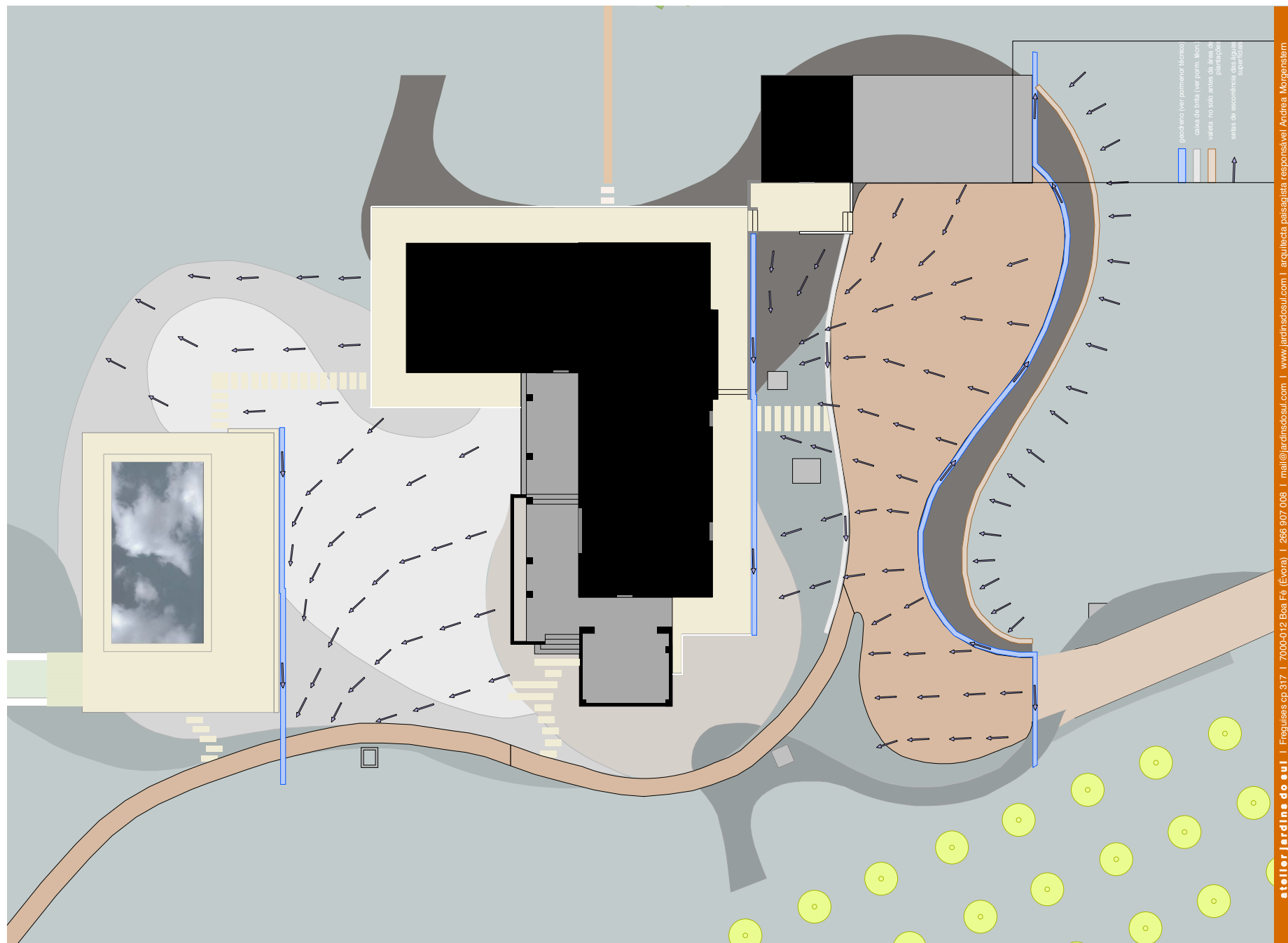


01. camada de desgaste em saibro . 7cm de espessura
02. base em AGEB (Agregado de granulometria extensa britado = tout-venant) de 2-32mm compactado . 15cm de espessura
03. terreno compactado
04. fundação em betão simples
05. contenção em chapa de aço . 8mm de espessura . 25cm de altura
06. mulch de casca de pinheiro . 7cm de espessura
07. mistura de composto de plantação com areia. h:20cm
08. solo existente





Anexo 25 . Levantamento topográfico . Monte do Prates . Montemor-o-Novo, elaborado pelo *Atelier Jardins do Sul*.



Anexo 26 . Plano de drenagem . Monte do Prates . Montemor-o-Novo, elaborado pelo *Atelier Jardins do Sul*.

A construção do saibro iniciou-se pela construção das fundações da sua contenção em chapa de aço, constituídas por blocos de betão argamassados e perfurados por varas de ferro, onde foi soldada e argamassada a chapa. De seguida procedeu-se ao enchimento da base em tout-venant de 2-32mm de granulometria e 0.20m de espessura e à sua compactação, seguido pela colocação da camada dinâmica em tout-venant com 2-20mm de granulometria e 0.15m de espessura, finalizando com uma camada de desgaste em saibro com 0.07m de espessura.



Em paralelo à construção do saibro, seguia-se a construção das lajes em calçada irregular de mármore. A sua construção foi feita in situ, através de moldes rectangulares de madeira onde foi colocada malha-sol, posteriormente foram preenchidos com 0.15m de betão, que após a secagem foi revestido com 0.05m de argamassa de assentamento para a calçada irregular de mármore. As fendas foram posteriormente rejuntadas com cimento.



Anexo 27 . Fotografias representativas dos processos de construção das superfícies em saibro e calçada de mármore, levantamento elaborado pelo *Atelier Jardins do Sul*.